



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB**  
**PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**BRUNA KREUTZ AMES**  
**DANIELLA SOARES MARREIROS MARTINS**

**NEGACIONISMO CIENTÍFICO, FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO E PÓS-  
VERDADE: UMA ANÁLISE ACERCA DOS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E DE  
SOFRIMENTO PSÍQUICO NO CONTEXTO DA NECROPOLÍTICA BRASILEIRA**

**BRASÍLIA**  
**2022**



**BRUNA KREUTZ AMES**  
**DANIELLA SOARES MARREIROS MARTINS**

**NEGACIONISMO CIENTÍFICO, FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO E PÓS-  
VERDADE: UMA ANÁLISE ACERCA DOS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E DE  
SOFRIMENTO PSÍQUICO NO CONTEXTO DA NECROPOLÍTICA BRASILEIRA**

Relatório final de pesquisa de Iniciação  
Científica apresentado à Assessoria de Pós-  
Graduação e Pesquisa

Orientação: Juliano Moreira Lagoas

**BRASÍLIA**

**2022**

## **AGRADECIMENTOS**

À Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa do CEUB, pelo contínuo suporte e incentivo ao longo do desenvolvimento desta pesquisa.

Aos participantes que enfrentaram falar de suas vivências pessoais no período pandêmico, tornando possível as análises realizadas.

Ao nosso orientador, Juliano Lagoas, por ter apostado no nosso desejo de realizar um trabalho de natureza tão complexa e delicada. Por ter nos guiado e fornecido questionamentos indispensáveis no processo de pesquisa.

## RESUMO

Esta pesquisa, de metodologia qualitativa, teve como objetivo investigar as relações entre o negacionismo científico e fundamentalismo religioso na gestão da pandemia no Brasil, buscando compreender o papel das massas digitais nos processos de subjetivação e de sofrimento psíquico vivenciados pela população. Além disso, tratou-se de verificar os impactos do fenômeno da "pós-verdade" nas subjetividades contemporâneas e identificar algumas das consequências psicossociais da necropolítica brasileira. Para isso, foi elaborado um formulário digital, amplamente divulgado em meios digitais, para a obtenção de relatos e opiniões sobre materiais de cunho negacionista e/ou fundamentalista. Posteriormente, foram selecionados quatro respondentes para participação em entrevistas individuais semiestruturadas, conduzidas pelas pesquisadoras por meio da ferramenta digital *Google Meet*, em torno das temáticas abordadas pela pesquisa. Para analisar os discursos obtidos, foi utilizada a metodologia da análise de discurso, em conjunto com os preceitos da pesquisa psicanalítica, permitindo assim uma compreensão das produções discursivas dos participantes acerca dos temas investigados. A partir das análises realizadas, considerou-se que, em razão de uma recusa da dimensão do desamparo na pandemia, foram criadas estratégias psíquicas compartilhadas em uma tentativa de desvinculação da experiência do terror pandêmico. Dessa forma, a partir de variados mecanismos, indissociáveis da realidade política, social e econômica do Brasil, vimos que a manifestação do negacionismo científico, em suas variadas formas, implica uma dimensão de defesa psíquica contra o insuportável. Dentre as principais estratégias psíquicas de defesa identificadas e analisadas no âmbito desta pesquisa, destacamos os mecanismos paranoicos de projeção e negação do desamparo, a busca por uma verdade-toda e a banalização do terror pandêmico.

**Palavras-chave:** negacionismo científico; fundamentalismo religioso; necropolítica; pós-verdade; psicanálise.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	4
2.1. A VERDADE SOB TRÊS PERSPECTIVAS: RELIGIÃO, CIÊNCIA E PSICANÁLISE	4
2.2. A PÓS-VERDADE	6
2.3. O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO E AS MASSAS DIGITAIS	12
2.4. NECROPOLÍTICA E PANDEMIA	15
3. MÉTODO	17
3.1. PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	18
3.2. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	21
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
4.1. O RETORNO AO DESAMPARO DIANTE DO TERROR	23
4.2. A MANIFESTAÇÃO DE MECANISMOS IDEOLÓGICOS NA PANDEMIA	33
4.3. MECANISMOS PARANOICOS E DE NEGAÇÃO FRENTE AO DESAMPARO	40
4.4. A BUSCA PELA VERDADE-TODA	46
4.5. DESREALIZAÇÃO E BANALIZAÇÃO: DIFERENTES REPERCUSSÕES DA NECROPOLÍTICA NA PANDEMIA	51
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	57
ANEXOS	66

## 1. INTRODUÇÃO

Desde março de 2020, o mundo foi devassado pela pandemia do Covid-19. Para além da ameaça biológica representada pelo vírus, o momento foi marcado por um caos político e social que acarretou consequências mortíferas, acentuando os riscos da doença (MAAKAROUN, 2020). No Brasil, a negligência governamental contribuiu para a fase mais letal da pandemia, levando a um colapso na saúde em nível nacional e a uma média de mortes superior a 3,000 pessoas por dia, alcançando em abril de 2021 a marca de 4,249 vidas perdidas em 24 horas (COSTA, 2021; MÉDIA..., 2021).

No momento em que o conhecimento científico poderia ser utilizado como aliado contra a disseminação do vírus, o país foi também atravessado por discursos negacionistas, difundidos em diversos canais de comunicação e amplamente propagados por autoridades públicas e lideranças religiosas (DA SILVEIRA, 2021; MENDES et al, 2021; GUERREIRO e ALMEIDA, 2021). Teorias da conspiração, *fake news*, informações simplórias e falsas, mas com forte carga afetiva, circulavam livremente, levando, por exemplo, ao uso de medicamentos sem eficácia comprovada, a desconfiança em relação às vacinas e a uma espiritualização da pandemia, associada à negação da criticidade da situação (GONZALO, 2021; GUERREIRO e ALMEIDA, 2021; RELEMBRE..., 2021).

Destaca-se aqui o papel do fundamentalismo religioso enquanto posicionamento político e ideológico, crítico às inovações da modernidade, como um pilar central da negação à ciência (PANASIEWICZ, 2008; LIONÇO, 2017; SOUZA e CHÉQUER, 2020). Compreende-se a ideologia como análoga ao funcionamento do inconsciente, dissimulando sua existência no interior de seu funcionamento, tanto pelo apagamento do caráter material envolvido na relação entre significantes e objetos, ou palavra e coisa, quanto pela ocultação do fato de que o sujeito é constituído por ideologias (ORLANDI, 2001). Assim, as ideologias atravessam as subjetividades, e afetam a interpretação do sujeito sobre o mundo.

Diferente do panorama experimental, questionador e refutável característico do método científico moderno, o fundamentalismo religioso é pautado em narrativas sacralizadas, nas quais só há lugar para verdades absolutas, intuitivas e inquestionáveis (JAPIASSÚ, 1997; PANASIEWICZ, 2008). Esse fato torna-se evidente por meio de acontecimentos como o “Jejum Religioso e de Oração” em combate à Covid-19, instigado pelo presidente da República em um momento no qual eram recomendados cuidados redobrados com a saúde, além do isolamento social para minimizar as chances de contágio. Além disso,

cumpra ressaltar outros exemplos, como o posicionamento do então advogado-geral da União, André Mendonça, que, em meio ao pico da pandemia, defendeu a abertura de templos e igrejas afirmando que “Cristãos estão dispostos a morrer pela liberdade” (MENDONÇA, 2021), além da divulgação de falsas terapias contra o vírus, como o feijão unguento proposto pelo apóstolo Valdemiro Santiago (GUERREIRO e ALMEIDA, 2021).

Amparadas pelo amor e ligação libidinal ao líder, massas religiosas são tomadas pela acriticidade que justifica atitudes intolerantes e de cunho negacionista consideradas fatores de risco diante da crise sanitária (FREUD, 1921/2020; PANASIEWICZ, 2008; SOUZA e CHÉQUER, 2020). Na mesma semana em que o Brasil chegou à marca de 400 mil óbitos, grupos religiosos se colocavam contra as medidas protetivas e saíam às ruas para se manifestar contra a decisão do Supremo Tribunal Federal que havia suspenso, provisoriamente, a realização de cultos religiosos (COSTA, 2021; CARONE, 2021). Além disso, Silas Malafaia, liderança religiosa neopentecostal, por meio de uma linguagem inflamada, defendeu em suas redes sociais as atividades nos templos como serviços essenciais, relativizando a gravidade da doença e influenciando milhares de seguidores a infringirem as medidas de proteção respaldadas pelo conhecimento científico (GUERREIRO e ALMEIDA, 2021).

Os processos de formação das massas, por serem indissociáveis do seu contexto, devem ser pensados atualmente a partir da noção de "pós-verdade", segundo a qual “fatos objetivos têm menos influência de moldar a opinião pública do que apelos à emoção” (AZEVEDO e LIMA, 2020, p. 6). Esse fenômeno tem estreita relação com o atual estágio do capitalismo; as ideias e conceitos tornam-se mercadorias, e aquelas úteis, agradáveis e baratas são concebidas como verdades que importam, enquanto as outras são desconsideradas (TIBURI, 2019). A pós-verdade conta com um instrumento fundamental, as redes sociais, que passam a desempenhar um papel marcante na reconfiguração das dinâmicas sociopolíticas do Brasil contemporâneo, tendo em vista a digitalização da vida em diferentes instâncias. Nesse âmbito, vale lembrar da função notável que as mesmas exerceram na eleição de Bolsonaro em 2018 (DUNKER, 2019b), na eleição de Trump em 2016 e no referendo sobre o Brexit, também em 2016 (GUERREIRO e ALMEIDA, 2021).

Diante das diferentes concepções e interpretações sobre a verdade, cada vez mais relativizadas, cabe ressaltar a verdade do sujeito, expressa através das manifestações do inconsciente (BEER, 2017; BIRMAN, 2010; JORGE e TRAVASSOS, 2021; KUPFER, 1992). A verdade do sujeito, em caráter oposto às posições que visam uma verdade absoluta, é

expressa de forma parcial e incompleta, visto que a entrada do sujeito no mundo da linguagem também implica uma incapacidade da linguagem em revestir toda a sua verdade (ROCHA, 1999). São através dos sonhos, dos atos falhos, dos sintomas, dos chistes, etc., que será expressa uma verdade singular e faltante. No que diz respeito a essa verdade, singular, destaca-se que o sujeito do inconsciente se constitui “à deriva da realidade” (LAGOAS, 2016, p. 94). Dessa forma, a existência do inconsciente aponta que a realidade não pode ser concebida como um dado primário, sendo, assim, revestida pela subjetividade (SOLER, 1989). O que veem os sujeitos, portanto, ao se depararem com o terror do invisível coronavírus?

No atual governo, evidenciam-se estratégias de necropolítica, em que o poder político e social é utilizado para promover a morte, atingindo de maneira ainda mais violenta os grupos vulneráveis (BORGES e CRESPO, 2020; DE NEGRI et al, 2020; SANTOS et al, 2020; MENDES et al, 2021). Assim como os fatos são dispensáveis na era da pós-verdade, os restos sociais, não incorporados pelo mercado, são inutilizáveis pelo Estado, devendo portanto ser descartados.

Dado o contexto pandêmico, atravessado pela política de morte supracitada, destaca-se a dimensão da experiência desamparo, conforme conceituada por Freud (1914/2010). Como elemento fundante e constituinte da subjetividade, esta experiência está fadada a se repetir ao longo da vida do sujeito. A pandemia, como uma experiência provocadora da sensação de impotência diante do enigmático coronavírus, abriu as portas para um reencontro do sujeito com a sua condição de desamparo (CALAZANS e MATOZINHO, 2020). Frente a esta condição, repleta de sentimentos de solidão e impotência, são empregadas diferentes estratégias psíquicas em busca de amparo (ROCHA, 1999). De imediato, somos convocados a pensar sobre as estratégias psíquicas que podem ter se desenvolvido como formas de defesa contra o terror da pandemia. Nesse sentido, indagamos: quais podem ser as relações entre a manifestação do negacionismo científico durante a pandemia no Brasil e a experiência do desamparo? De que forma estariam os sujeitos vivenciando o terror da pandemia no âmbito da necrogestão brasileira? Quais podem ser os entranhamentos dos discursos fundamentalista-religiosos nas percepções e vivências de sofrimento psíquico implicados durante a pandemia?

Diante do exposto, a pesquisa teve como objetivo investigar as relações entre negacionismo científico e fundamentalismo religioso na gestão da pandemia da Covid-19 no Brasil, buscando compreender o papel das massas digitais nos processos de subjetivação e de sofrimento psíquico vivenciados pela população.



Já no que diz respeito aos objetivos específicos, tratou-se de: (i) verificar os impactos do fenômeno da "pós-verdade" nas subjetividades contemporâneas; (ii) identificar algumas das consequências psicossociais da necropolítica brasileira.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 A VERDADE SOB TRÊS PERSPECTIVAS: RELIGIÃO, CIÊNCIA E PSICANÁLISE**

Durante o período pré-moderno, o paradigma que vigorava no ocidente enquanto fio condutor da forma de apreender a realidade era pautado em uma concepção mítica de organização do Cosmos. Além disso, os valores morais que conduziam a vida em sociedade baseavam-se em leis divinas, que giravam em torno da autoritária vontade de Deus (JAPIASSÚ, 1997). Assim sendo, a verdade para a religião, fundada em concepções bíblicas, disciplinadoras e salvacionistas, carrega um caráter de inquestionabilidade e uma concepção sagrada da realidade, tendo em vista que a narrativa bíblica dogmática e afetiva não seria passível de interpretação por meio da racionalidade humana (PANASIEWICZ, 2008; HARARI, 2016, RIBEIRO, 2021).

Em relação ao significado da verdade para a ciência, é necessário lembrar que esta varia de acordo com o contexto histórico, que engloba aspectos como a cultura, os valores, as autoridades vigentes e o paradigma científico em vigor (JAPIASSÚ, 1997). Dessa forma, entender a concepção de verdade para a ciência significa também contextualizá-la.

Um marco paradigmático, que alterou não apenas a visão da ciência, mas que também produziu um profundo abalo na forma pela qual o mundo era concebido, foi a revolução científica moderna. Essa revolução nasceu contra a antiga visão de ciência, e contra os valores que vigoravam até então. Ainda que encarado por longas e violentas resistências, esse marco passa a apresentar a realidade como fenômeno passível de ser interpretado de forma objetiva, por meio de mensurações, minuciosos questionamentos e investigações (JAPIASSÚ, 1997).

Galileu, elencado por Japiassú (1997) como o primeiro espírito realmente moderno, introduz o novo ideal científico, que passa pelo método experimental e o rigor metodológico. A partir desse momento, observar a natureza passa a ser insuficiente para conhecer a sua verdade. Tornou-se necessário questioná-la e saber interpretá-la de acordo com a linguagem matemática, visando máxima objetividade. Saem de cena os valores, as qualidades, e qualquer

outro aspecto associado à irracionalidade, e começa a ser erigida uma valorização crescente da racionalidade matemática para o estudo de fenômenos físicos (JAPIASSÚ, 1997).

Assim sendo, a verdade para a ciência passa diretamente pelo método. O método científico e rigoroso, construído a partir das indagações dos cientistas, torna-se o responsável por elucidar a razão e possibilitar o conhecimento acerca da chamada realidade.

No entanto, toda investigação científica, por mais objetiva e racional que se preze, passa pelas operações e mediações do pensamento. Dessa forma, Calazans (2006, p. 3) afirma que “não encontramos o dado puro, pois não há como abrir mão do pensamento para atingi-lo”. Assim, o autor sublinha que o pensamento científico só é efetivo quando se desprende da busca de uma realidade *a priori* e de conhecimentos insubstituíveis, utilizando a objetivação, a inserção de variáveis e a retirada das qualidades das indagações científicas. Dessa forma, é enfatizada a importância do reconhecer a provisoriedade do conhecimento científico devido à sua constante evolução (CALAZANS, 2006).

O eventual abandono do paradigma da ciência antiga levou a uma profunda ruptura nos modos de se conceber o mundo, com consequências que irradiaram sob a subjetividade (BIRMAN, 2010; JAPIASSÚ, 1997; JORGE e TRAVASSOS, 2021). O paradigma moderno, com a matematização da realidade, o prezo pela racionalidade e o reconhecimento de verdades provisórias, abandona a antiga ordem dos Cosmos, e, portanto, um mundo finito no qual haveria coerência, unidade, verdades certas e os fenômenos possuiriam qualidades próprias. No que diz respeito a essa transformação, Japiassú (1997, p. 75) expressa que instaurou-se “um divórcio entre o mundo dos valores e o mundo dos fatos”, afirmação esta que pode ser diretamente relacionada à divisão do sujeito entre aquilo seria racional e aquilo que seria do âmbito das paixões e dos sentidos (BIRMAN, 2010; GUERRA e, 2021; LUZ, 2019).

A psicanálise, enquanto herdeira do paradigma moderno, abre portas para a compreensão dos efeitos que essa rachadura no mundo teria provocado no sujeito. É a busca por essa compreensão que irá distinguir os modos de concepção da verdade entre ciência e psicanálise. Para a psicanálise, pensar na verdade implica pensar o sujeito como efeito do advento da ciência moderna; quando o Cosmos é abandonado e substituído por um paradigma que esvazia a dimensão das qualidades no mundo, surge o sujeito da ciência. Este sujeito é aquele que vive os impactos do novo paradigma científico, a partir dos resíduos não quantificáveis, dos esvaziamentos, por ele deixados (BEER, 2017; CALAZANS, 2006; JAPIASSÚ, 1997; JORGE e TRAVASSOS, 2021; LACAN 1966/1998).

Assim, ao passo que a ciência, no paradigma moderno, se debruça sobre os problemas de ordem objetiva esvaziados da dimensão da qualidade, a psicanálise opera sobre o sujeito que apresenta uma demanda por essa qualidade perdida, dedicando-se à verdade do sujeito e a um saber sobre o inconsciente (BEER, 2017; BIRMAN, 2010; CALAZANS, 2006; LAGOAS, 2016). No que diz respeito às tentativas de utilizar a ciência em todo o seu rigor para se tratar do sujeito, Lacan contribui com duras críticas ao comunicar que “o sujeito não poderia ser objetivado por este saber supostamente científico” (BIRMAN, 2010, p. 5). A verdade na psicanálise, portanto, se apresenta como um efeito do inconsciente através das suas formações. Assim, são nos atos falhos, nos sintomas, nos sonhos, nos chistes, entre outros, que estaria evidenciada a verdade do sujeito, sempre parcial e incompleta (BEER, 2017; BIRMAN, 2010; JORGE e TRAVASSOS, 2021; KUPFER, 1992).

## **2.2 A PÓS-VERDADE**

Após as considerações supracitadas sobre a verdade, é importante compreender que características da pós-modernidade tem levado a novas concepções sobre o conceito. O primeiro momento do pós-modernismo estaria amplamente marcado pelo relativismo cultural. tanto pelo cultivo de valores associados à diversidade de gênero, raça e religião, quanto por estudos e teorias que questionam e criticam subalternidades nas sociedades complexas. Diante desse novo cenário, a pós-verdade emerge enquanto reação negativa ao projeto cultural e político pós-moderno, caracterizando assim um segundo momento desta conjuntura. São retomados os valores ligados à família e aos costumes conservadores, podendo assim a verdade voltar a ser ditada pelo enunciador cuja identidade satisfaça, característica esta que pode ser observada nas novas forças políticas e religiosas ao redor do mundo (DUNKER, 2019a).

O novo termo, pós-verdade, tem o seu significado atrelado às "circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais" (AZEVEDO E LIMA, 2020, p. 6). De acordo com Dunker (2019a), essa nova forma de conceber a verdade foi desencadeada a partir do atentado às Torres Gêmeas em 2001, acontecimento este que é também citado por Quinet (2009) como um representante da civilização contemporânea e do seu conseqüente mal-estar. Ambos autores explicitam a relação íntima entre a eclosão da pós-verdade e a lógica capitalista. Salienta-se, ainda, que o ataque às Torres tem íntima relação com o fundamentalismo religioso, que será abordado

com maior profundidade posteriormente (DA SILVA, 2015). Para adentrar nessa discussão, vale destacar a forma pela qual a pós-verdade está atrelada ao capitalismo.

A pós-verdade está relacionada aos mecanismos de poder vigentes na atualidade, regidos a partir da lógica capitalista do mercado e de acordo com os interesses ideológicos em vigor. Nesse contexto, ideias se tornam análogas às mercadorias; ideias prontamente úteis, agradáveis e baratas são consumidas, enquanto outras podem ser descartadas (TIBURI, 2019). No paradigma da pós-verdade, caracterizado como um “mercado da pós-episteme” por Tiburi (2019, p. 90), as ideias mais palatáveis e congruentes ao princípio neoliberal do pensamento se tornam as únicas verdades que realmente interessam.

Ainda, com base em Foucault, Tiburi (2019) desenvolve a ideia de que o que vigoraria no atual paradigma seria uma espécie de administração e manipulação da verdade veiculada por meio de múltiplos mecanismos presentes na vida cotidiana, deixando cair por terra qualquer resquício da verdade enquanto valor maior. Assim, nas palavras da autora, esse regime da verdade seria:

[...] o da produção da crença, do real, do que consideramos certo e seguro, substancial e ontológico, ou melhor, do que deve ser percebido desse modo. E que é produzido por meios específicos de produção da comunicação, da informação e do discurso com esse objetivo. (TIBURI, 2019, p. 99)

Para que os meios citados - a produção da comunicação, da informação e do discurso - atinjam os fins de manipulação da verdade desejados, eles precisam ser compreendidos em seu contexto pós-verdadeiro.

Permeando a sociedade e a subjetividade do sujeito, a pós-verdade se impõe nas diferentes esferas do convívio, tanto no âmbito público quanto no privado. No que se refere à produção da comunicação, o primeiro meio citado por Tiburi (2019) para uma manipulação da verdade, é a impossibilidade de escutar o outro e o eco que é dado aos próprios sentimentos de raiva. Na pós-verdade, é disseminada por projeção uma espécie de ódio generalizado sem causa aparente, reflexo dos próprios sentimentos de raiva contra, entre outras coisas, a impossibilidade de ser ouvido. Assim, os laços criados deixam de passar pelo risco da palavra inerente à comunicação presencial, e passam a ser baseados na proteção por meio de processos de identificação, devido ao desamparo característico do sujeito em tempos pós-verdadeiros. Alinhado com essa corrente de pensamento, Han (2012/2017) destaca que, na sociedade contemporânea, os sujeitos se encontram cada vez mais distanciados da possibilidade de reconhecimento da alteridade, encontrando significação somente onde se

percebem, de alguma forma, refletidos. Ainda, torna-se explícita a relação entre a eliminação da alteridade e o contexto pós-verdadeiro, estreitamente ligados à lógica do mercado, conforme reconhece Han (2012/2017, pg. 17): “A alteridade não é uma diferença consumível. O capitalismo vai eliminando por toda a parte a alteridade a fim de submeter tudo ao consumo.”.

O conceito de desamparo torna-se então fundamental para a compreensão do estreitamento dos laços sociais na pós-verdade. O termo remete a uma experiência essencial e estruturante que pode ser datada desde a origem do sujeito, que, neste primeiro momento, é incapaz de significar e traduzir as suas necessidades, o colocando em um estado de absoluta dependência do outro. Dessa forma, o desamparo pode ser compreendido como “uma experiência estrutural para a própria constituição psíquica do sujeito, na medida em que o impulsiona a se abrir para a alteridade que se apresenta como via de saída para a sua sobrevivência” (MENDES et al, 2021, p. 44).

Destaca-se que, atualmente, o sujeito, além de estar situado em tempos pós-verdadeiros, também vivencia a pandemia do coronavírus. Portanto, faz-se mister lembrar que, assim como o desamparo se faz presente em decorrência dos desdobramentos do pós-modernismo, também se explicita na atual crise sanitária, em que o país é assolado por uma onda de *fake news*, embates entre os entes federativos e medidas voláteis de enfrentamento à pandemia. Neste cenário, Mendes e outros (2021) afirmam que o sujeito tem retornado a um estado de desamparo.

Cabe ressaltar, sobretudo, dois tipos de declarações que perpassaram os falas do atual presidente da República durante a pandemia e que estão associadas a experiência do desamparo durante a crise sanitária: (i) a incitação ao ódio contra aqueles que estariam recomendando ações diferentes daquelas sugeridas pelo governo federal, e (ii) a ênfase atribuída a um retorno à ordem pré-pandêmica. Os discursos de ódio fomentados pela hostilidade direcionada a um inimigo em comum, num contexto marcado pelo desamparo, favorecem a coesão grupal e os laços de fraternidade, uma vez que o amparo pode ser buscado por meio do pertencimento através das identificações (FREUD, 1921/2020).

Já no que diz respeito aos pronunciamentos incentivando um retorno ao funcionamento social e econômico prévio a chegada do coronavírus no Brasil, é possível que tenha se configurado uma incitação a fantasias infantis, pertencentes a um momento de vida em que havia a percepção de um Pai soberano, onipotente, amado mas também

profundamente temido, o qual teria o poder de solucionar todo e qualquer conflito e angústia (COSTA, 2021; GUERRA, 2021). Diante de um discurso potencialmente incitador de fantasias infantis relacionadas à grandeza deste Pai todo-poderoso, em momentos atravessados pela angústia e pelo desamparo, a renúncia da capacidade de pensamento próprio com base na confiança é favorecida. Assim, estima-se que o negacionismo científico pode ter se configurado como uma estratégia de amparo, viabilizada por conjunturas relacionadas à vivência do complexo de Édipo, conforme explicitado por Costa (2021, p. 47):

Esse dispositivo de negação aparece remetendo ao desamparo infantil do indivíduo e faz um contraponto à ciência, na medida em que os dados dela já não são suficientes para garantir a informação. Assim, o chefe aparece como defensor do coletivo e de toda a subjetividade desse grupo, encarna o papel do Pai da velha infância, que é aquele onisciente que tem a verdade absoluta sobre tudo e, portanto, de como devolver a sensação de segurança e de controle das coisas para seus filhos que o clamam.

Explicita-se como os conhecimentos científicos, independente dos métodos aos quais são submetidos ou da confiabilidade dos órgãos institucionais que os promulgam, podem ser percebidos como desprezíveis, e até mesmo afrontosos, frente às fantasias do sujeito que governam a sua forma de perceber o mundo.

Diante da experiência pandêmica brasileira, observa-se como o desamparo é fomentado pelas ações - ou omissões - do Estado, e acaba por potencializar o sofrimento psíquico. O Estado, enquanto representante de uma figura a qual são endereçadas demandas de segurança e amparo, principalmente em conjunturas de crise como a pandemia, tem exercido um papel diferente do que seria esperado pelos cidadãos (SOUZA e HENDERSON, 2021). De acordo com Safatle (2016), o Estado administra a insegurança do seu povo como forma de garantir a sua indispensabilidade, se fazendo presente para assegurar a população quando tais inseguranças se alastram. Assim, segundo a argumentação do autor (2016), para o Estado, o bem-estar estatal tem primazia em relação ao bem-estar social, conjuntura esta que tem se expressado na pandemia e que é investigada em Souza e Henderson (2021, p. 5):

Trata-se de um uso melancólico do poder, isto é, a interiorização por parte do cidadão de que ele é merecedor da angústia, que não há nada possível a ser feito e que o Estado, no formato presente, é a única opção viável. Não é relevante se essa ameaça é ilusória ou mesmo delirante (como a ameaça do objeto intrusivo “o comunista). Uma vez inculcados o temor e o desamparo, o cidadão se volta ao Estado protetor.

A partir do exposto na citação, faz-se necessário ponderar sobre a possibilidade da apropriação e disseminação de determinados discursos presentes durante a pandemia terem

compactuado com a manutenção do poder político em detrimento do combate à contaminação pelo coronavírus, tendo como última consequência as mortes pela doença. Estima-se, assim, que a experiência do desamparo teria sido gerenciada de modo a assegurar a sobrevivência do Estado ao custo da vida de seus cidadãos (SOUZA e HENDERSON, 2021).

Em síntese, frente às incertezas que se alastraram no território nacional, o negacionismo científico parece ter se desdobrado como meio de amparo psíquico mediante a formação de um pensamento coletivo viabilizado pelo momento de fragilização e possibilitado por processos de identificação. Assim:

a dissolução do pensamento individual para o compartilhamento de ideias coletivas pode contribuir para alentar o indivíduo em seu momento de incerteza, e o negacionismo do mais alto governo executivo brasileiro contagia as massas populacionais que estão movidas pelo desespero da necessidade de reorganização estrutural psíquica, fazendo com que neguem a realidade que está posta e questionem as evidências científicas, o que culmina trazendo certo alento. (MENDES et al, 2021, p. 47)

Em resposta ao desamparo supracitado, se fazem presentes os laços sociais baseados na proteção. Para que estes laços sejam viabilizados, conforme têm ocorrido com os sujeitos característicos da pós-verdade, é necessário o pertencimento a um grupo. Devido à maior simplicidade na constituição de grupos de ódio contra um adversário em comum, a pós-verdade é marcada por massas de ódio surdas e ecóicas (DUNKER, 2019a; GUERRA, 2021).

Já no que se refere ao fenômeno da pós-verdade enquanto discurso - o segundo fator citado por Tiburi (2019) como responsável pela produção de um regime da verdade - apresenta-se a dificuldade em buscar compreender as posturas e concepções de mundo do outro quando estas não se alinham com as próprias. Esse fator se justifica por uma das principais características da pós-verdade: a indiferença ou a recusa do outro. Ao se perceber ameaçado, o sujeito reage com ódio e violência. Assim, a possibilidade de qualquer troca é reduzida, pois não é possível escutar o outro, pensar sobre sua perspectiva e reformular as próprias convicções (DUNKER, 2019a, GUERRA, 2021; HAN, 2012/2017). Em outras palavras, é reduzida a circulação da palavra em sua força instauradora, conforme aponta Safatle (2017). Vale destacar duas características apontadas por Dunker associadas a este fenômeno: (i) a aceleração e; (ii) a retórica icônica da pós-verdade.

A primeira característica atrelada à pós-verdade como discurso, (i) a aceleração, pode ser compreendida a partir da atual lógica do mercado, na qual os resultados alcançados, independente dos meios utilizados, tendem a receber maior destaque (DUNKER, 2019a). No

contexto contemporâneo, em que o acesso a meios capazes de maximizar performances é sempre viável, se faz presente uma vida em constante aceleração.

Já a segunda característica associada à pós-verdade enquanto discurso, (ii) a retórica icônica, diz respeito à forma pela qual recebemos, constantemente, mensagens “empacotadas”, com imagens, vídeos e textos se apresentando de forma agregada. Rapidamente, acolhemos ou descartamos informações, interditamos ou incentivamos a fala do outro, e isso se dissemina na interpretação de outros fenômenos. Isto é, as pessoas e os acontecimentos acabam sendo rapidamente categorizados para evitar os aspectos enigmáticos característicos da fala (DUNKER, 2019a; GUERRA, 2021).

Por fim, o último fator mencionado por Tiburi (2019) como responsável por um regime da verdade em tempos pós-verdadeiros é a produção da informação. Ao conciliar conhecimentos, observações e explicações num emaranhado de informações, que, em seu conjunto, levam a conclusões equivocadas e repletas de interesses, evidencia-se como a pós-verdade não se estabelece apenas pela apropriação de verdades conciliáveis por parte do sujeito, mas também através da manipulação das informações que o atingem. Dessa forma, ao proporcionar uma suposta credibilidade aos preconceitos que circulam pela sociedade, instaura-se um terreno favorável para que, gradativamente, o sujeito vincule-se às conclusões manipuladas oferecidas (DUNKER, 2019a).

### **2.3 O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO E AS MASSAS DIGITAIS**

É nesse contexto de desamparo pós-moderno, que o fundamentalismo religioso emerge como movimento crítico às inovações decorrentes do processo de secularização, ou, separação entre Igreja e Estado (OLIVEIRA, 2019; LIONÇO, 2017). Pautado em discursos ultraconservadores e nacionalistas que defendem os valores morais pré-seculares, legitima por meio de discursos de cunho afetivo e dogmático a repetição medieval da perseguição e intolerância a minorias sexuais, étnico raciais, políticas e à ciência, sendo assim uma ofensiva aos princípios laicos e democráticos do país. Portanto, pode-se observar que as expressões do neofundamentalismo justificam diferentes práticas discriminativas, negacionistas e antidemocráticas em nome da manutenção de um projeto político neoconservador-liberal (PANASIEWICZ, 2008; SOUZA e CHÉQUER, 2020; LIONÇO, 2017).

Ainda que tenha origem no universo religioso, o fundamentalismo se estende aos âmbitos político, econômico e social da contemporaneidade. Diferentemente do panorama



experimental, questionador e refutável característico do método científico moderno, o fundamentalismo é pautado em uma narrativa sagrada em que verdades são absolutas, afetivas e inquestionáveis (JAPIASSÚ, 1997; PANASIEWICZ, 2008; ROCHA, 2014). Nesse sentido, é em resposta a uma tentativa de diálogo entre as verdades religiosas e científicas, realizada por teólogos modernos protestantes, que nasce o fundamentalismo religioso com forte cunho dogmático, negacionista e antimodernista. Desse modo, Carranza (2009) afirma que:

O olhar fundamentalista divide o mundo em dois: sagrado-profano, bem-mal, certo, errado, levando a excluir física e/ou simbolicamente todo aquele que ameaça essa compreensão ou não pense e sinta dessa maneira. (p. 150)

O exposto na citação pode ser observado no contexto brasileiro, em que minorias têm sido perseguidas em nome do projeto ultraconservador que visa a retomada aos valores tradicionais (PANASIEWICZ, 2008; LIONÇO, 2017). De maneira similar, no que diz respeito à intolerância contra o diferente, Freud (1921/2020, p. 54), ao discorrer sobre o comportamento de massas artificiais religiosas, apresenta a seguinte consideração: “No fundo, toda religião é uma religião de amor para aqueles que a abraçam, e tende a crueldade e a intolerância para com os não seguidores”. Além disso, deve-se considerar que as massas religiosas se sustentam por ligações libidinais ao líder e aos outros indivíduos que a compõem através de um emaranhado de identificações que envolvem o amor a um líder ou o ódio direcionado a um objeto em comum, sendo essas ligações responsáveis pela coesão grupal (FREUD, 1921/2020). Freud (1921/2020) afirma que:

[...] a identificação é a mais primordial forma de ligação afetiva a um objeto [...] ela pode surgir a qualquer nova percepção de algo em comum com uma pessoa que não é objeto dos instintos sexuais. Quanto mais significativo esse algo em comum, mais bem-sucedida deverá ser essa identificação parcial, correspondendo assim ao início de uma nova ligação (p.65)

Desse modo, destacam-se dois acontecimentos que respaldam as identificações e o apoio político ao atual presidente pelos cristãos nas eleições presidenciais, possibilitando um caminho de compreensão acerca do funcionamento das massas religiosas fundamentalistas como pilar do neoconservadorismo e negacionismo científico contemporâneos. O primeiro deles diz respeito ao batismo de Bolsonaro no Rio Jordão em 2016, fato que mobilizou votos e apreço de fiéis e pastores evangélicos. Já o segundo episódio refere-se à facada sofrida pelo presidente em setembro de 2018 durante a sua campanha eleitoral. Considera-se que o

ocorrido tenha sido interpretado por parte dos fiéis como perseguição religiosa, consequência sofrida pelos “verdadeiros escolhidos por Deus”, e símbolo de um verdadeiro cristianismo (SOUZA e CHÉQUER, 2020, p. 128). Nesse sentido, é possível observar que ambos acontecimentos apontam para o fortalecimento das identificações a Bolsonaro, líder e referência da massa (SOUZA e CHÉQUER, 2020).

A observação sobreposta pode ser melhor compreendida a partir de uma conceituação acerca das massas religiosas no contexto digital e da teologia da moralidade (SOUZA, 2017, citado por SOUZA e CHÉQUER, 2020), que diz respeito:

[...] ao fundamentalismo moral que se postula, sobretudo, nas massas digitais como o ideal de vida para toda a sociedade e pelo qual se deve lutar. Essa teologia foi se constituindo com maior expressividade a partir dos anos 2000 com o acirramento da mídiatização na sociedade e na religião. (p. 149)

O fenômeno da teologia da moralidade descrito acima pode ser observado no contexto pós-verdadeiro brasileiro, no qual percebe-se a incidência de discursos fundamentalistas na agenda política que, potencializados pelas tecnologias da informação, permitem a difusão dos valores morais conservadores de forma ampla e eficaz, além da propagação de *fake news* de cunho negacionista, como as *fake news* gospel (PANASIEWICZ, 2008; LIONÇO, 2017; SOUZA e CHÉQUER, 2020). Assim, é possível contemplar o funcionamento das massas fundamentalistas no contexto digital.

Compreende-se que as massas digitais carregam consigo características de uma massa tradicional conforme descritas por Freud (1921/2020). Isto é, as massas são acríicas, influenciáveis, propensas a rápidas transições entre extremos e indubitavelmente convictas de seus posicionamentos, ainda que contraditórios. Elas demonstram, ainda, intensa aversão à inovação e o seu senso de responsabilidade é anulado diante do poder percebido na grandeza da massa. A aparente perda das características singulares do sujeito diante de tamanha influência facilita a manifestação de atos agressivos. Nesse funcionamento, que favorece condições para manifestações reprimidas no inconsciente, o sujeito se torna parte indissociável da massa, podendo realizar atos que fora dela seriam inconcebíveis (FREUD, 1921/2020).

Levando em consideração a acriticidade da massa e seu estado de ânimo exaltado, Freud (1921/2020, p. 147) destaca que “quem quiser influenciá-la não necessita de nenhuma dimensão lógica em seus argumentos; ele tem de pintar as imagens mais fortes, exagerar e repetir sempre as mesmas coisas”. Seu esclarecimento parece dialogar com acontecimentos

recentes estampados nas redes sociais, nas quais ideias se fortalecem através de postagens com uma estrutura simples, “um vocabulário limitado, palavras de ordem fortes e adjetivos agressivos em relação ao que pensam os “outros” ou a tudo o que desejam descartar” (ABRANCHES, 2019, p. 31).

Observa-se, pois, que as massas digitais se inserem na era da pós-verdade, a qual dispõe de meios contemporâneos passíveis de consideração na formação dessas massas. Quinet (2020) revela que:

Já se fala em *era da pós verdade*, em que *memes* e *slogans* são mais importantes do que fatos reais da era da infocalipse - apocalipse informática [...] Todos os frequentadores da internet têm suas impressões digitais mapeadas através das curtidas das redes sociais, dos dados pessoais, do gosto pessoal - se você pesquisa o preço de uma calça ela passa a andar atrás de você - gosto sexual, posição política, crença religiosa. Você é espionado 24 horas por dia e a internet o conhece mais do que as pessoas mais próximas a você. (p. 6)

Portanto, há de ser levado em consideração que as intimidades do sujeito são usadas para selecionar as postagens que os atingem, e que há uma intencionalidade sistemática nessa seleção. Essa seleção deliberada está repleta de interesses políticos, de consumo, religiosos, entre vários outros (EMPOLI, 2019; QUINET, 2020). Ou seja, estão em voga estratégias que reconhecem o poder da formação de massas digitais para o cumprimento de determinados objetivos, como observado nas eleições estadunidenses de 2016 e nas brasileiras de 2018 (DUNKER, 2019b; EMPOLI, 2019; QUINET, 2020).

## 2.4 NECROPOLÍTICA E PANDEMIA

Visando um resgate de alguns pressupostos oriundos do liberalismo, abandonados após a crise de 1929, passam a ser difundidas uma série de críticas às medidas que estariam impedindo o crescimento econômico, como aquelas de bem-estar social e as práticas protecionistas (CAMBAÚVA e SILVA JUNIOR, 2005). Fundamentado por um grupo de pensadores, emerge o neoliberalismo com o intuito de solucionar a crise capitalista. Regido por princípios como a liberdade, a auto-regulação e a auto-suficiência, o neoliberalismo não é apenas uma teoria sobre o funcionamento da economia que ancora o atual modelo socioeconômico, mas também um elemento chave no que diz respeito à compreensão dos processos de subjetivação e de constituição do sujeito na contemporaneidade (SAFATLE et al, 2021; ZANELLO, 2016).

Valendo-se de uma gestão do sofrimento psíquico através de práticas como a

individualização da culpa e o repúdio ao fracasso depressivo, o sistema neoliberal também pode ser compreendido a partir dos seus atravessamentos em diferentes esferas da vida, como no trabalho, nas relações, no desejo e na linguagem, com uma gramática própria (SAFATLE et al, 2021). Assim, entende-se que o sofrimento psíquico não opera da mesma maneira dentro e fora do neoliberalismo. Conforme aponta Safatle (2021, p. 33):

[...] podemos dizer que modelos socioeconômicos são modelos de governo e gestão social de subjetividades, por isso, não podem ser compreendidos sem sua capacidade de instauração de comportamentos e modos subjetivos de autorregulação. Eles não podem ser elucidados sem a gestão de uma psicologia que lhes é inerente.

A necropolítica, intimamente associada ao modelo neoliberal, denota o uso do poder político e social para a gestão de uma massa de indivíduos que não são absorvidos pelo sistema capitalista neoliberal através de uma promoção da morte. Desse modo, pautada em uma lógica supremacista em que alguns grupos são considerados hierarquicamente superiores, a necropolítica opera de modo a promover um estado de exceção de direitos básicos e fundamentais, legitimando a morte de minorias sociais e étnico-raciais (MBEMBE, 2003/2020). Assim, a partir de políticas - ou de uma ausência de políticas - de negação à ciência, além da disseminação de *fake news* que deslegitimaram a gravidade do vírus e incentivaram a quebra das medidas de proteção, escancarou-se o fato histórico de que algumas vidas são consideradas mais valiosas que outras, tendo em vista o maior número de mortes dentre grupos considerados vulneráveis de acordo com sua cor e classe (BORGES e CRESPO, 2020; CAPONI, 2021; DE NEGRI et al, 2020; SANTOS et al, 2020).

Mbembe afirma que a pandemia democratizou o poder de matar (BERCITO, 2020). Essa máxima se expressa pelo fato de os corpos humanos terem sido imbuídos da potencialidade de contágio de si e do outro, redistribuindo o que Foucault denomina de biopoder e biopolítica (BERCITO, 2020). O biopoder refere-se às formas de controle dos corpos dos indivíduos em uma sociedade - é “uma técnica de poder que busca criar um estado de vida em determinada população para produzir corpos economicamente ativos e politicamente dóceis” (BERTOLINI, 2018, p. 2), enquanto a biopolítica refere-se à gestão de um governo sobre a vida (CAPONI, 2021). Desse modo, interroga-se sobre a postura da parcela da população que teve a possibilidade de se manter em isolamento mas optou por desrespeitar as recomendações de segurança, e a forma pela qual então geriram tamanho poder sobre a vida.

Sobre a interrogação sobreposta, Mbembe (2020, citado por BERCITO, 2020), destaca:

O sistema capitalista é baseado na distribuição desigual da oportunidade de viver e de morrer [...] Essa lógica do sacrifício sempre esteve no coração do neoliberalismo, que deveríamos chamar de necroliberalismo. Esse sistema sempre operou com a ideia de que alguém vale mais do que os outros. Quem não tem valor pode ser descartado. (p. 1)

Vale destacar que, ainda que a pandemia tenha democratizado o poder de matar, não fez o mesmo com o poder de viver, dada a perversa lógica necropolítica que demonstrou que, sem o auxílio do Estado, alguns corpos, considerados inferiores e descartáveis, não puderam proteger-se (BERCITO, 2020). Assim, enquanto é possível dizer que todos os corpos estão suscetíveis à infecção pelo vírus, o nível de vulnerabilidade a ele no Brasil é profundamente desigual (GABATZ e ANGELIN, 2021). Discursos desconexos e saturados de notícias falsas que estimularam a população a continuar realizando suas tarefas sem cuidados em nome da economia, a necessidade de utilizar transportes públicos lotados para ir ao trabalho, e as precárias moradias que impossibilitaram a adoção de medidas de isolamento associadas ao grande número de óbitos da população de baixa renda demonstraram que o vírus não afeta a todos da mesma forma (CAPONI, 2021). Desse modo, e conforme ressaltado por Santos (2020), o discurso governamental brasileiro operacionalizou a necropolítica ao enfatizar a dimensão econômica da pandemia em detrimento da vida, valendo-se da ideia que uma crise econômica seria mais prejudicial do que uma crise na saúde:

Sob o pretexto de salvar a economia, correram riscos irresponsáveis pelos quais, esperamos, serão responsabilizados. Deram a entender que uma dose de darwinismo social seria benéfica: a eliminação de parte das populações que já não interessam à economia, nem como trabalhadores nem como consumidores, ou seja, populações descartáveis como se a economia pudesse prosperar sobre uma pilha de cadáveres ou de corpos desprovidos de qualquer rendimento (p. 26).

Sob esse pretexto, foram negligenciadas, predominantemente, as vidas pobres e negras ao serem proferidas recomendações contrárias àquelas aconselhadas pela Organização Mundial da Saúde e difundidas notícias falsas acerca das formas de proteção contra a disseminação do vírus (CAPONI, 2021; SANTOS et al, 2020). Desse modo, é possível observar que o que se escancara no contexto pandêmico, ao invés de uma biopolítica, é uma necropolítica, e que a política de morte, amparada pelo discurso negacionista, foi sobretudo endereçada a classes e etnias específicas, o que denota a junção do racismo e classismo como pilares do direito de matar no Brasil (CAPONI, 2021; SANTOS et al, 2020). Coadunam-se a esse fato diferentes acontecimentos que ilustram a operacionalização da política da morte, “cujo

objetivo final é expor ao contágio e à morte essa parcela da população que não tem condições de proteger-se ou de aceder às vacinas” (CAPONI, 2021, p. 14). Dentre eles, destaca-se a banalização e silenciamento de mortes associadas à ausência da variável racial nas análises epidemiológicas da pandemia, a exposição à morte de uma parcela majoritariamente racializada para o bom funcionamento da economia, e a traiçoeira promessa da imunidade de rebanho por meio da exposição ao vírus pela população em vulnerabilidade, em detrimento da política nacional de imunização (SANTOS et al, 2020). Destaca-se, ainda, a negação da eficácia do uso das máscaras, das vacinas e do distanciamento social, tendo como auxílio o discurso de que a contaminação estaria associada à uma falta de fé (CAPONI, 2021; SOUZA e CHÉQUER, 2020).

### **3. MÉTODO**

Nesta pesquisa, de natureza qualitativa, foram adotados os princípios metodológicos da análise de discurso, em sua vertente de matriz francesa, em articulação com os aportes teórico-clínicos da psicanálise. Para que o método empregado nesta pesquisa seja compreendido, é importante que seja contextualizada a análise de discurso em conexão com a pesquisa psicanalítica, pois ambos forneceram base para os procedimentos metodológicos empregados.

A análise de discurso encontra a sua origem a partir do momento em que o olhar deixa de ser voltado unicamente para as diferentes formas de estudar a linguagem, como a gramática normativa ou a linguística, e passa a levar em consideração o fato de existirem variadas maneiras de significação. Segundo essa compreensão, a análise de discurso destaca o papel da língua enquanto prática constitutiva dos seres humanos, permitindo o exercício de significação. Assim, o discurso é considerado mediação fundamental entre sujeito e o mundo externo, considerando seus aspectos naturais e sociais. Considera-se que há um extenso trabalho simbólico implicado na língua, e que através da análise de discurso torna-se possível compreender as continuidades, descontinuidades, conservações e transformações do sujeito e da sua realidade, pois o discurso é apontado enquanto prática que fundamenta as produções humanas (ORLANDI, 2001).

Ainda, o discurso é caracterizado como objeto sócio-histórico, permitindo compreender a ênfase que é atribuída à ideologia na análise de discurso. Ora, se o discurso

está implicado em determinado contexto social e histórico, está também atravessado por ideologias que se manifestam na língua (ORLANDI, 2001). Dessa forma, a ideologia, descrita por Gregolin (1995, p. 17) como “a visão de mundo de determinada classe, a maneira como ela representa a ordem social”, é observada através da análise de discurso e permite relacionar o discurso com a sociedade na qual ele está inserido (GREGOLIN, 1995). A efetividade, porém, da realidade social permeada por ideologias depende do desconhecimento por parte do sujeito do que se tratam e de como o afetam (ROSA, 2004). Em síntese, salienta-se o fato do sujeito ser afetado pelo real da história e da língua, sem controle sobre os seus impactos, levando ao entendimento de que a discursividade do sujeito se expressa através do inconsciente e da ideologia (ORLANDI, 2001).

No que diz respeito à prática psicanalítica fora do contexto clínico, ou, mais especificamente, a psicanálise extramuros ou em extensão, algumas especificidades devem ser enfatizadas. Embora a psicanálise em extensão tenha encontrado resistências, Rosa (2010) demonstra a pertinência da área em pesquisas de fenômenos sociais e políticos, ainda que existam cuidados específicos do campo aos quais os pesquisadores devem se atentar. Afinal, em contramão a determinadas críticas que afirmam uma suposta fragilidade epistemológica da psicanálise em extensão por extrapolar o campo no qual foi criada, é importante resgatar a afirmação de Freud de que a psicologia individual e a psicologia social são indissociáveis, valendo ainda destacar que a própria construção da psicanálise incluiu a análise de fenômenos sociais e políticos (ROSA, 2004).

Salienta-se, na psicanálise em extensão, a presença do sujeito do inconsciente nos diversos âmbitos da sociedade. Isto é, o inconsciente não se apresenta apenas no discurso situado na clínica, e, portanto, pode ser observado em outros contextos e de outras formas desde que haja uma escuta psicanalítica e que sejam conservados os requisitos básicos da teoria psicanalítica (ROSA, 2010). Outro elemento fundamental da pesquisa em psicanálise se refere ao seu desprendimento de hipóteses *a priori*; a psicanálise em extensão considera que a questão a ser estudada e os dados a serem colhidos são construídos no desenvolver da pesquisa através da relação transferencial, integrando teoria, prática e pesquisa (ROSA, 2010).

### **3.1 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS**

Inicialmente, o projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética, dada a importância do cumprimento das diretrizes éticas em estudos que envolvem seres humanos.

Assim, foi minimizado qualquer risco relativo à execução da pesquisa. Após aprovação, foram iniciados os procedimentos de coleta de dados, divididos em quatro etapas principais.

Na primeira etapa, realizou-se uma revisão e atualização bibliográfica, com o objetivo de verificar as novas publicações de artigos referentes ao negacionismo científico, ao fundamentalismo religioso e à necropolítica associados ao contexto pandêmico. A relevância desse primeiro momento de atualização literária justificou-se pela intensa produção acadêmica e científica que vem sendo realizada no momento histórico vivido.

Na segunda etapa, foram selecionados materiais na internet e mídias, tais como postagens em redes sociais, comentários, relatos em blogs, matérias em jornais virtuais e trechos de entrevistas com autoridades públicas. Destaca-se a importância dessa etapa em razão ao papel central que o contexto digital ocupa na vida cotidiana dos brasileiros, onde se disseminam com facilidade as *fake news* de cunho negacionista e fundamentalista, conforme observado na pandemia (DUNKER, 2019b; RELEMBRE..., 2021). O critério para seleção do material foi o de dizer respeito ou conter referências à pandemia, sobretudo em suas dimensões psicossociais.

Na terceira etapa foi elaborado um questionário via *Google Forms*, o qual foi amplamente divulgado nas redes sociais em busca de participantes para a pesquisa. Pôde responder ao questionário qualquer pessoa em território nacional que reconheceu ter sido afetada de algum modo pela divulgação de notícias durante a pandemia, tornando assim possível a investigação dos efeitos de discursos fundamentalistas e negacionistas em diferentes públicos com acesso ao contexto digital. Para essa etapa, foi elaborado um convite de divulgação por meio da plataforma de design gráfico *Canva*, explicitando o critério acima exposto e sendo utilizada a pergunta “O que você achou das postagens nas redes sociais sobre a pandemia?”. Após a aceitação do indivíduo em participar da pesquisa, foi disponibilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) digital. A continuidade do preenchimento do formulário foi possível somente mediante aceitação do termo.

O questionário foi dividido em três partes. Na primeira, dados sociodemográficos e informação básicas foram solicitados, tais como: idade, sexo, raça, escolaridade, renda e identificação religiosa. Ademais, o questionário incluiu perguntas buscando averiguar o tempo médio aproximado de uso de redes sociais por dia, além das plataformas de redes sociais mais utilizadas pelo participante. Na segunda parte do questionário, foi apresentada uma



manchete (ANEXO A) e uma charge (ANEXO B) referentes à pandemia, para que os participantes emitissem suas opiniões sobre o material.

Ao final do formulário, na terceira parte, foi solicitado aos participantes uma autorização para que os pesquisadores pudessem entrar em contato acerca da próxima etapa da pesquisa. Uma vez compiladas, sistematizadas e organizadas as respostas ao questionário, foram selecionados quatro (04) respondentes para participação em uma entrevista individual semiestruturada conduzida pelos pesquisadores em torno das temáticas abordadas pela pesquisa. A escolha pelas entrevistas individuais semiestruturadas deve-se à potencialidade que essa estratégia metodológica apresenta no que diz respeito a co-construção dos significados que emergem em campo, além da possibilidade de comparação entre os discursos nos relatos dos diferentes participantes em relação aos fenômenos estudados (MINAYO, 2016). Na prática, as entrevistas foram compostas por um rol de perguntas abertas, que puderam ser realizadas em diferentes ordens, contando com a flexibilidade e abertura dos pesquisadores para contemplar os relatos emergentes no momento empírico. Ainda, considerando que a análise de discurso abrange a produção do discurso em sua integralidade, a realização de entrevistas individuais permitiu uma compreensão aprofundada das produções discursivas dos participantes.

No início da seção “4. Resultados e Discussão”, é apresentado o Quadro 1, com uma breve descrição de elementos relevantes da história de cada participante selecionado. Consideramos pertinente o posicionamento do quadro logo antes da discussão teórica por motivos didáticos, para uma facilitação da leitura nos momentos em que os participantes são mencionados durante a discussão.

As entrevistas foram realizadas de modo virtual, utilizando a ferramenta *Google Meet*, considerando, principalmente, a disponibilidade de cada participante. Uma vez estando o participante *online*, após a disponibilização de um link para a reunião, o pesquisador responsável pela entrevista explicitou os termos de um outro Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, podendo a atividade ter prosseguimento somente mediante a aceitação do termo (digital). O áudio da atividade foi gravado para a posterior transcrição e análise dos discursos. Os participantes foram todos, individualmente, assegurados acerca da confidencialidade dos dados obtidos.

Ao longo da atividade, os pesquisadores realizaram o papel de facilitadores ao proporem questionamentos para promover uma fala livre dos participantes acerca de suas

percepções em relação ao período de pandemia no Brasil. Nas questões, foram implicitamente contemplados aspectos como o negacionismo científico e o fundamentalismo religioso. No entanto, estes questionamentos foram realizados de forma a evitar sugestionabilidade, permitindo uma maior naturalidade dos participantes diante dos temas. É importante frisar que, embora tenha estado presente um ponto de partida para promover a fala dos entrevistados, os pesquisadores respeitaram a direção tomada pela conversa.

Após a realização das quatro etapas descritas acima, o material foi transcrito, compilado, sistematizado e organizado para análise posterior.

### **3.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE**

Para a análise do material, foram adotados os seguintes procedimentos: (i) identificação das posições subjetivas dos participantes no discurso; (ii) localização das repetições, paráfrases, metáforas e metonímias; (iii) indicação dos mecanismos ideológicos e culturais presentes nos discursos; (iv) levantamento de hipóteses sobre os não-ditos presentes nas respostas e (v) análise das cadeias associativas em torno das quais se estruturaram as falas dos participantes.

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

De antemão, cumpre ressaltar que as divisões dessa seção se ancoraram na principal hipótese de que, em razão de uma recusa da dimensão do desamparo na pandemia, foram criadas estratégias psíquicas compartilhadas em uma tentativa de desvinculação da experiência do terror pandêmico. Dessa forma, a partir de variados mecanismos, indissociáveis da realidade política, social e econômica do Brasil, estimou-se que a manifestação do negacionismo científico, em suas variadas formas, pode abranger uma dimensão de defesa psíquica.

Mais especificamente, considerando o objetivo da pesquisa, de investigar as relações entre negacionismo científico e fundamentalismo religioso na gestão da pandemia no Brasil, buscando compreender o papel das massas digitais nos processos de subjetivação e de sofrimento psíquico, além dos objetivos específicos de (i) verificar os impactos do fenômeno da pós-verdade nas subjetividades contemporâneas e (ii) identificar consequências psicossociais da necropolítica brasileira, a análise foi organizada de acordo com as seguintes

categorias: (4.1) o retorno ao desamparo diante do terror; (4.2) a manifestação de mecanismos ideológicos no contexto pandêmico; (4.3) mecanismos paranoicos e de negação frente ao desamparo; (4.5) a busca pela verdade-toda e, por fim, (4.6) desrealização e banalização: diferentes repercussões da necropolítica na pandemia.

O quadro 1, abaixo, expõe elementos relevantes da identidade e da história dos participantes entrevistados no âmbito desta pesquisa. Recomenda-se uma consulta ao quadro nos momentos em que os participantes são referidos durante a análise.

**Quadro 1 - Identificação dos participantes entrevistados**

Participante	Descrição
Carmen*	Jovem universitária, branca, de 23 anos, estudante de psicologia, sem religião e de classe média. Relata não ter se envolvido nas discussões sobre a pandemia por “questões de saúde mental” e porque “não modificariam nada em sua vida”.
Bárbara*	Jovem universitária, branca, 21 anos, estudante de psicologia, católica e de classe média-alta. Passou o período de isolamento da pandemia em casa com a família, dando continuidade aos seus estudos na modalidade à distância. Expõe indignação em relação à forma que a pandemia foi conduzida no Brasil pelo Governo Federal.
Vitor*	Homem negro, 71 anos, ex-militar, aposentado, católico e de classe média-alta. Atualmente, é conselheiro de saúde e atua como representante dos idosos. Acredita que a idade o resguardou de ser influenciado

	pelas notícias falsas durante o período da pandemia.
Jefferson*	Homem branco, 55 anos, servidor público, católico e de classe média-alta. Relata ter dado continuidade a uma “vida normal” durante a pandemia que, em sua opinião, foi perpassada por uma “guerra política”. Adota uma posição crítica às vacinas, ao isolamento e discorre sobre o que ele mesmo chama de “teorias da conspiração” nas quais acredita. Declara já ter sofrido de ansiedade e fenômenos psicossomáticos

\*Nomes fictícios.

#### 4.1 O RETORNO AO DESAMPARO DIANTE DO TERROR PANDÊMICO

Para que se possa compreender o sentido dado à experiência do desamparo nesta pesquisa, é indispensável que esse conceito seja conceituado em sua dimensão estruturante e constituinte da subjetividade. Reconhecer que o desamparo é uma experiência fundamental da condição humana permite também vislumbrar que, durante a vida do sujeito, o mesmo irá se deparar, de modo recorrente, com esta experiência fundante (MENDES et Al, 2021; ROCHA, 1999). A pandemia, como uma experiência provocadora da sensação de impotência diante de um desconhecido, abriu as portas para um reencontro do sujeito com a sua condição de desamparo (CALAZANS e MATOZINHO, 2020).

A origem do desamparo pode ser compreendida por duas principais vias, que ocorrem simultaneamente e de modo articulado: na dimensão biológica e na dimensão do desejo do Outro. Em relação à dimensão biológica, evidencia-se que, ao nascer, o bebê se encontra em uma situação de total dependência física de um outro. Cabe a este outro fornecer as condições necessárias para a sobrevivência do recém-nascido. Diante do estado de absoluta sujeição ao outro, que poderá ou não comparecer com os recursos necessários para assegurar a manutenção da vida, o bebê se depara com a situação originária do desamparo. Freud denomina essa primeira experiência de *Hilflosigkeit*, isto é, uma experiência na qual o sujeito

está impossibilitado de amparar-se a si mesmo, correndo a todo momento o risco de se encontrar em uma posição de estar sem a ajuda, amparo e proteção do outro. Assim, compreende-se a experiência do desamparo como marcante da condição humana, uma vez que se manifesta desde a introdução do sujeito no mundo (ROCHA, 1999).

Destaca-se, associada à dimensão biológica do desamparo explorada por Freud, a posição de desamparo do bebê diante do enigma do desejo do Outro, ressaltada sobretudo pelas formulações de Lacan. Desprovido da capacidade de simbolização ao nascer, além de depender do amor e do desejo de um responsável, a quem confia a tarefa de interpretar suas necessidades básicas, o recém-nascido é confrontado com uma falta-a-ser que jamais poderá ser suprida. Diante do desejo desconhecido e enigmático do Outro, presentifica-se uma sensação de ameaça frente a qual o sujeito é incapaz de se proteger. Assim, de imediato, ao adentrar no mundo da linguagem, o sujeito é marcado por uma falta fundamental, pois a linguagem é incapaz de revestir toda a verdade do sujeito (ROCHA, 1999).

A experiência originária do desamparo está fadada a se repetir, adquirindo sentido somente por meio das experiências vividas *a posteriori*, quando o Eu encontra-se constituído. Nesse sentido, a pandemia se configura como um empuxo à repetição da experiência do desamparo, tendo em vista o encontro com o enigmático coronavírus. Calazans e Matozinho (2020) sustentam que, para além do desamparo, foi invocado um estado de terror generalizado diante da ameaça biológica infamiliar que assolou o território brasileiro, terror este caracterizado por uma conjuntura em que o sujeito é intimado a se haver com uma mudança para a qual qualquer resposta anterior se mostra insuficiente. Trata-se de uma situação que escancara o desamparo e a imprevisibilidade inerentes às experiências traumáticas, como pode ser considerada a pandemia. O terror desencadeado pelo coronavírus pode ser observado no seguinte relato de Bárbara, quando discorre sobre sua opinião acerca do uso das redes sociais durante o período pandêmico:

[...] a gente tá sendo bombardeado com coisas de todos os lados e a gente não sabe no que acreditar e... e aí, era aquela ansiedade tipo... do noticiário todos os dias de... sei lá, será que já chegou no Brasil? Será que tá chegando aqui em Brasília? Será... será que tá chegando na minha cidade? Será que tá chegando aqui no meu bairro? Será que vai chegar na minha família?

Devido ao seu pertencimento a um campo semântico bélico e, portanto, violento, destaca-se a enunciação do significante “bombardear”, usado em relação à forma que foram recebidas as notícias sobre a pandemia. O uso deste significante no contexto do relato de

Bárbara sugere que o recebimento de notícias conflitantes, imprecisas e excessivas foi experienciado como uma severa invasão. Ainda, o sequenciamento de perguntas observado na fala da participante sobre a possível aproximação do coronavírus indica a vivência do terror diante da aproximação de um desconhecido frente ao qual não havia, ainda, recursos para o enfrentamento.

De maneira similar, Jefferson discorre, em diferentes momentos de sua entrevista, sobre os impactos do excesso de informações durante a pandemia. Destaca-se o uso do significante “inundar”, que, assim como o uso do significante “bombardear” utilizado por Bárbara, evoca sensações de descontrole e impotência diante de uma ameaça. Eis o relato de Jefferson:

[...] você vai encontrar muitas pessoas *inundadas* de informação e não sabendo lidar com isso. Isso gera ansiedade, pensamento acelerado, uma série de coisas que faz mal pro ser humano. E, decorrente disso, vem as doenças, que a gente chama de doenças psicossomáticas, que são causadas por... por... um fundo emocional. *Eu sou portador de algumas.*

À primeira vista, nota-se que, diferente de Bárbara, Jefferson se distancia dos efeitos que ele aponta como resultantes da inundação de informações. Enquanto Bárbara se implica ao enunciar “a gente tá sendo bombardeado” quando comenta sobre o excesso de informações veiculadas, Jefferson denuncia a mesma situação, porém se posiciona como observador. Isto pode ser percebido de maneira ainda mais explícita quando, repetindo o significante “inundar”, Jefferson exclama “você é inundado de informação de todo canto!”. Ou seja, o relato do participante sugere certo distanciamento em relação aos efeitos da inundação descrita, denotado pelo uso do pronome “você” ou pelo substantivo “pessoas”. Esse segmento do enunciado de Jefferson começa a desvelar processos distintos de subjetivação diante do desamparo entre os participantes.

Conforme exposto no relato, enquanto Jefferson narra os efeitos do excesso de informações nas outras pessoas - de modo, aliás, curiosamente específico e detalhado - finaliza o seu raciocínio afirmando que, como consequência da ansiedade gerada pela abundância de notícias na pandemia, surgem as doenças psicossomáticas. Inesperadamente, ele se lembra de que ele mesmo sofre de algumas destas doenças. Em seguida, afirma também que sofre de ansiedade crônica, mencionada momentos antes, ao discorrer sobre os efeitos do excesso de informações que observou em outras pessoas. Assim, surge de uma forma clara que, ao mesmo tempo que Jefferson se distancia dos efeitos que descreve, a cadeia

associativa em torno da qual se estrutura a sua fala parece implicá-lo. Começa a se presentificar uma forma de se (des)haver com a experiência do desamparo.

Rocha (1999, p. 342) descreve o desamparo da seguinte maneira:

Nela o homem penetra o mais íntimo de sua singularidade e faz, na mais nua e completa solidão, a descoberta da contingência e da finitude de sua existência. Difícil imaginar uma forma de solidão maior e mais dolorosa do que aquela do desamparado [...] O desamparado sente-se tão só, como o náufrago perdido na imensidão do mar. A metáfora é uma tentativa de mostrar que a essência do desamparo é a solidão e o sentimento de impotência, constituídos pela impossibilidade do sujeito de encontrar sozinho uma saída para a situação em que se encontra.

Percebe-se que, ao mesmo tempo que o desamparo implica a presença de sentimentos de solidão e impotência, conforme bem ilustrado pela metáfora empregada pelo autor, não se esgota neles. A experiência também tende a abrir espaço para a alteridade, isto é, frente ao desamparo, espera-se que o sujeito possa se dirigir ao outro em busca de amparo (ROCHA, 1999). Todavia, existem impasses, e nem sempre o desamparo envolve uma abertura para o outro. Ao observar os discursos presentes nos relatos dos participantes desta pesquisa, sobretudo de Jefferson e Vitor, impôs-se a questão: ao invés de eclodir na abertura para a alteridade, estaria a atual vivência do desamparo sendo experienciada por meio de um enclausuramento narcísico?

Para abordar a questão, cabe salientar a relação do desamparo com a única certeza com a qual o sujeito é, momento ou outro, levado a se defrontar - a sua própria morte; é justamente esta certeza que os participantes parecem buscar encobrir a partir do próprio narcisismo. Eles recusam a alteridade e, por consequência, resguardam-se de medos insuportáveis. Desde o momento em que nasce, o sujeito vivencia a passagem constante do tempo, marcada pela impermanência; ele está subordinado a este fluir incessante, experiência de total insegurança, uma vez que escancara a impotência do sujeito frente à imprevisibilidade do futuro e a impossibilidade de controle do tempo que, em última instância, resultará em sua própria finitude. Dessa forma, explicita-se como a condição humana é necessariamente atravessada pelo desamparo. Diante do encontro com situações que evocam essa experiência, como a pandemia, o sujeito buscará saídas para se haver ou para se (des)haver com a situação que está posta (ROCHA, 1999).

A pandemia escancarou de forma violenta a onipresença da morte, de modo que o contexto forçou o encontro com a possibilidade iminente da própria finitude, condição esta

que no cotidiano pré-pandêmico permanecia velada. A relação íntima entre desamparo e a certeza da finitude é ilustrada no relato de Bárbara, que expressa:

Chegou no início da pandemia era só isso né.. tipo, vamo ver o número de infectados, o número de mortos, vamo ver como isso tá evoluindo, e ninguém sabia de nada que tava acontecendo! Acho que era a única certeza que a gente tinha no dia, era essa.

Ou seja, a situação pandêmica parece incorporar de forma categórica uma verdade existencial - a da morte. Em contraposição ao cotidiano anterior à pandemia, de repente a percepção de um dos maiores aliados do desamparo foi imposta pelo coronavírus de forma, aparentemente, imbatível. Conforme expressa Carmen, o terror, num emaranhado de desconhecimento e desamparo, revelou-se: “Meu Deus, tá chegando aqui. Será que a morte tá chegando aqui?”.

No entanto, enquanto parece haver um reconhecimento da proximidade da morte e a simultânea implicação necessária para um atravessamento dessa experiência no relato de Carmen, o mesmo não parece ocorrer em todos os casos. Assim, retomando a pergunta posta anteriormente, começam a se exprimir indícios de que, na pandemia, em alguns casos, a experiência do desamparo, ao invés de abrir para a alteridade, pode estar sendo vivenciada por meio de um enclausuramento. De modo mais específico, o enclausuramento em questão estaria sendo expresso por meio de uma fuga da condição de desamparo. A realidade da morte, imposta pela pandemia, seria, então, recusada.

Conforme desenvolvido por Freud (1927/2020) ao discorrer sobre a religião, a idealização de Deus como uma figura onipotente, detentora de todo e qualquer saber e poder, representaria uma espécie de rota de fuga para o sujeito não ter que se defrontar com a sua condição de desamparo. Na constituição do sujeito, abrem-se caminhos para diferentes modelos de subjetividade. O sujeito restrito ao âmbito das idealizações, enclausurado por crenças de realizações plenas e íntegras, estaria operando a partir de um modelo de subjetividade fechada, marcado pelo Eu Ideal. Nele, o “ego se constitui como se fosse sua própria origem e fundamento” (ROCHA, 1999, p. 337).

Já na passagem para o Ideal de Eu, um outro modelo de subjetividade se insinua - neste, há um movimento em direção à alteridade (FREUD, 1914/2010; GUERRA, 2021; ROCHA, 1999). Por essa razão, o Ideal de Eu é considerado um modelo de subjetividade aberto, que envolve o contato, trocas, conflitos e, dessa forma, a possibilidade de transformação diante da circulação da palavra em sua força instauradora. Assim, faz-se mister salientar que a



palavra não se restringe à dimensão do diálogo ou da comunicação, que estariam direcionados à obliteração do conflito - a palavra vai muito além: “[...] ela instaura, ela mobiliza novos afetos e desativa antigos, ela reconstrói identificações, em suma, ela persuade com uma persuasão que não se resume à explicitação de argumentos” (SAFATLE, 2017, p. 3). No entanto, a instância do Ideal de Eu, aberta para a alteridade e condizente com a força instauradora da palavra, não constitui um lugar cômodo ou de garantias. Pelo contrário, a abertura para o laço social implica risco e a possibilidade de encontro com o desamparo mediante o desconhecido.

Muito mais cômoda é a instância do Eu Ideal. Nela, originária do narcisismo primário, o Eu reside em um mundo de garantias. É o lugar da “Sua Majestade, o bebê”, que tem as suas necessidades acolhidas, e é provido da sensação de segurança, amparo e auto-suficiência (FREUD, 1914/2010). É possível que o sujeito, em momentos de angústia tal qual a pandemia, regreda para a instância do Eu Ideal, na qual volta-se para si mesmo e, assim, desvia do risco inevitável implicado no contato com a alteridade. Operando a partir deste modelo, o sujeito distancia-se do laço social e aprisiona-se nos ideais, supostamente capazes de suprir o desejo da plenitude almejada. Assim, ocorre uma alienação do sujeito, que emprega rotas alternativas para evitar o desamparo intrínseco à condição humana (ROCHA, 1999).

Levando em consideração as entrevistas realizadas e, diante da conjuntura ideológica que circunscreve a pandemia, envolvendo a pós-verdade, a necropolítica e o fundamentalismo religioso, estima-se que o enclausuramento narcísico supracitado pode não estar restrito à singularidade dos sujeitos entrevistados no âmbito desta pesquisa. Conforme será aprofundado na seção “4.2 A manifestação de mecanismos ideológicos no contexto pandêmico”, as ideologias, expressas na cultura por meio da linguagem, são constituintes do sujeito (ORLANDI, 2001). Ao mesmo tempo, a pandemia, configurada como um empuxo à repetição da experiência do desamparo, revela o compartilhamento, no contexto social, de uma experiência enigmática atravessada por mecanismos ideológicos. Seria mesmo fonte de estranhamento que, diante do terror da pandemia, dos traços alienantes da pós-verdade em conjunto com uma política voltada ao extermínio, os sujeitos buscassem o apaziguamento de suas tensões? Com a regressão à instância de Eu Ideal, o apaziguamento é ofertado, mas não sem um custo.

A recusa da alteridade e o enclausuramento narcísico implicam num assujeitamento. Na fuga contra os riscos implicados no laço social, na recusa de reconhecimento do desamparo intrínseco à condição humana, ocorre um aprisionamento solitário e uma renúncia da

capacidade criativa diante do desconhecido (CALAZANS e MATOZINHO, 2020; ROCHA, 1999). Assujeitado, torna-se refém de mecanismos ideológicos que criam véus sobre a condição de desamparo.

Hipotetiza-se que o fenômeno da pós-verdade, considerado um elemento constituinte das subjetividades contemporâneas, favoreça a recusa do desamparo identificada durante a pandemia. Intimamente associado à lógica neoliberal e caracterizado como reação negativa ao projeto cultural e político da pós-modernidade, a pós-verdade, em conjunto com os meios de comunicação da contemporaneidade, potencializa a regressão do sujeito à instância do Eu Ideal (DUNKER, 2019b). Marcados pelo desamparo e uma recusa da alteridade, os laços dos pós-verdadeiros, ao invés de implicarem trocas, riscos e a consequente possibilidade de transformação, tem base em processos identificatórios que visam a proteção. Os laços sociais tornam-se fragilizados, uma vez que o reconhecimento do outro só se estende até onde pode ser encontrado um reflexo do próprio Eu (HAN, 2012/2017). Aqueles que não compõem parte desse reflexo são negados, ou, utilizando-se o termo propagado nas redes sociais, cancelados.

Tem lugar, assim, uma rivalidade imaginária entre o eu e o outro. Existem os que estão certos, e os que estão errados, os verdadeiros e os mentirosos, os vencedores e os perdedores. Nesse sentido, a pós-verdade, com os seus atravessamentos subjetivos, sociais, políticos, culturais e econômicos, poderia ser caracterizada como potencializadora de um retorno à instância de Eu Ideal. No âmbito público, são vastos os exemplos contemporâneos de uma recusa da alteridade que fomentam uma lógica de “Nós vs. Eles”. Por exemplo, em uma manifestação pró-golpe militar, o presidente discursou: “O que tinha de velho ficou pra trás, nós temos um novo Brasil pela frente [...] Chega da patifaria. É agora o povo no poder. [...] Nós não queremos negociar nada”, e convoca a população a lutar pela nova política, representada pelo bolsonarismo, e contra o que chama de “velha política” (EU..., 2020).

Dentre as várias oposições agrupadas na pandemia, tomaram forma rivalidades em pautas como a obrigatoriedade da vacina, a pertinência do isolamento vertical, o uso de medicamentos como ivermectina e hidroxicloroquina como tratamento precoce, entre outros. A perspectiva de um inimigo em comum, revestido pelo posicionamento oposto àquele do grupo, favoreceu a constituição de massas unidas por ligações libidinais contra o adversário percebido (FREUD, 1921/2020). Em uma lógica dicotômica, cada grupo, em um funcionamento de massa, defenderia sua visão padronizada de mundo. Assujeitados diante da grandeza da massa e desprovidos de sua capacidade crítica, tornam-se facilmente

influenciáveis por mecanismos ideológicos que tamponam a condição de desamparo. Nesse funcionamento, o rival é sempre o perdedor, independente da clareza dos argumentos que possam ser apresentados para demonstrar o contrário. No mesmo sentido, um fenômeno denominado de efeito *backfire* tem demonstrado que, mediante a apresentação de evidências que contradizem crenças previamente estabelecidas, as pessoas não só rejeitavam os fatos apresentados, como avaliavam suas crenças originais com ainda mais confiança (NYHAN e REIFLER, 2010).

É neste contexto que se desdobra a narrativa de Jefferson quando ele se refere a uma “guerra política” que teria se desenvolvido durante a pandemia entre diferentes instâncias. Nessa guerra, supõe-se uma constante rivalidade entre, por exemplo, a rede Globo e o presidente Bolsonaro, os que defendiam o tratamento precoce e os que o criticavam, os que argumentavam a favor do passaporte da vacina e os que alegavam a sua inconstitucionalidade, entre vários outros. Percebe-se, atravessando a fala do participante, uma lógica de oposição. No entanto, nas diversas oposições apresentadas, destaca-se um pressuposto de que o conflito é, necessariamente, um equívoco, representando uma espécie de furo na imagem de completude visada pelo Eu Ideal. Há uma percepção de que o conflito não deveria existir e, assim, uma negação do seu potencial transformativo. Discorrendo sobre as postagens acerca da vacinação contra o coronavírus no Brasil, Vitor expõe:

essa, situação *convergente, divergente no caso*, ela... a gente recebe mensagens até de médicos né, epidemiologistas [...] Então, até entre os profissionais da saúde, existe um *problema* porque eles não defendem na mesma direção.

A substituição apressada do termo “convergente” por “divergente” indica, em um primeiro momento, a propensão para uma harmonia isenta de alteridade e, em um segundo momento, o reconhecimento de uma dimensão conflituosa nos conhecimentos científicos, conflitos estes que constituiriam “um problema”. A validade da divergência é negada. Nota-se como não há espaço para a coexistência no conflito - a alteridade é descartada. Diante da expectativa de que necessariamente deve haver um consenso e que os conflitos devem ser remediados, nega-se que as “nossas sociedades são estruturalmente antagônicas e a divisão é sua verdade” (SAFATLE, 2017, p. 2). A busca por uma harmonia absoluta na vida social, na expectativa de que mesmo aqueles com os posicionamentos mais conflitantes empreguem uma gramática em comum para dialogar, pode ser comparada ao esforço frustrado de

tamponar um furo incapaz de ser preenchido devido à dimensão estrutural da falta na constituição do sujeito.

A negação da possibilidade de conflito traz consigo outras repercussões relacionadas ao encobrimento do desamparo. Ao pautar-se em uma lógica maniqueísta e binária, as entidades públicas responsáveis pela gestão da pandemia no Brasil estimularam também uma postura paranóica. Os governantes, longe de propiciar condições sadias para o encontro com o desamparo diante da emergência sanitária, teriam conduzido a pandemia com base em uma gestão do medo social, econômico e político por meio da instrumentalização de um estilo paranóico de governar (CALAZANS e MATOZINHO, 2020). Sustenta-se que a partir da construção e externalização de um inimigo em comum, se organizam grupos unificados pelo ódio à alteridade, levando a uma articulação paranóica em massa por meio da qual é percebida uma ameaça capaz de aniquilar um modo estabelecido de vida. Um exemplo da retórica de um grande inimigo, instrumentalizada como arma de poder na pandemia, é o discurso que exprime a ideia de conspirações que estariam sendo articuladas para tomarem as liberdades individuais. O fomento desse inimigo pode ser observado no relato do então ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, na 31ª Sessão Especial da Assembleia Geral da ONU em resposta à pandemia (MINISTRO..., 2022):

Aqueles que não gostam da liberdade sempre tentam se beneficiar dos momentos de crise para pregar o cerceamento da liberdade. Não caímos nessa armadilha. O controle social totalitário não é o remédio para nenhuma crise. Não façamos da democracia e da liberdade mais uma vítima da covid-19.

O discurso de que a pandemia estaria sendo aproveitada para retirar as liberdades individuais ressoa nas perspectivas de Jefferson ao reivindicar seu direito de não ser vacinado contra o coronavírus, que relatou:

Nessa pandemia a gente perdeu nossa liberdade. Entendeu? Uma das coisas que eu posso falar aqui: muita gente perdeu o emprego, muita gente perdeu a vida mas *todo mundo perdeu a sua liberdade.*

O fomento incessante de uma lógica de oposição nos discursos oficiais, ecoados pela população fragilizada no contexto avassalador da pandemia, evidencia um dos meios pelos quais a pandemia foi gerida de forma a favorecer interesses político-econômicos. A visão maniqueísta propagada, dividindo o país entre o bem e o mal e alimentando a construção de um inimigo ameaçador, aponta para o uso da paranóia como ferramenta para a promoção de medidas que são simultaneamente benéficas para o mercado financeiro e fatais para a

crescente parcela da população em estado de precariedade social e econômica (CALAZANS e MATOZINHO, 2020).

Em suma, as estratégias de gestão da pandemia se articulam no interior de uma racionalidade neoliberal. Fazendo referência à uma “doutrina do choque”, - termo utilizado para descrever momentos em que crises são utilizadas para implementar políticas impopulares neoliberais que, em condições normais, seriam recusadas - é salientado que a pandemia foi instrumentalizada de forma a intensificar sistematicamente as desigualdades do país, diante da imposição de medidas supostamente inevitáveis. Destaca-se o elo entre paranoia e política com base no modelo econômico vigente, uma vez que a concorrência entre os países se sustenta a partir do fomento de uma lógica de desconfiança e perseguição. De modo mais específico, a gestão do medo na pandemia e os seus reflexos serviriam, assim, como motivo para a adesão a um regime político de caráter autoritário de extrema-direita e a exacerbação de diretrizes econômicas de austeridade (CALAZANS e MATOZINHO, 2020). Conforme colocam os autores, “se o vírus não tem ideologia, a ideologia hegemônica está utilizando o vírus para aumentar ainda mais seu impacto sobre a população a partir da gestão do medo” (CALAZANS e MATOZINHO, 2020, p. 14). Assim, entende-se que a vivência do medo da população pôde ser operacionalizada de forma a azeitar a engrenagem do neoliberalismo, ao custo da vida dos cidadãos.

A temática do medo, em especial o medo da morte, se fez presente continuamente ao longo dos relatos de Jefferson. No entanto, este tema foi abordado como dizendo respeito à população de modo geral, que estaria sofrendo em decorrência de um sugestionamento de medo por parte da mídia:

Porque a gente foi *bombardado*, desde o começo dessa pandemia, com um sugestionamento de medo. Porque... *o ser humano... ele... ele... eu....* Você já deve ter estudado isso, tem duas coisas que movem *o ser humano* para fazer as coisas - o medo e a ganância.

Em primeiro lugar, nota-se mais uma vez o uso do significante “bombardar”, presente também nas falas de Bárbara, e remetendo à ideia de que o referido sugestionamento de medo teria sido vivenciado como um violento ataque. Em seguida, nota-se um possível ato falho, por meio do qual Jefferson parece involuntariamente implicar-se em seu discurso quando inicia a sua explicação se referindo ao “ser humano” e, em meio a hesitações, continua: “ele... ele... eu...”. Por fim, aparentemente em meio a uma certa confusão com a própria enunciação, interrompe a sua frase e recomeça, voltando a falar sobre o que moveria

os seres humanos: o medo e a ganância. Esse tropeço no enunciado de Jefferson é um importante indicador de que o distanciamento subjetivo adotado ao pronunciar-se sobre temas como o medo da morte é uma maneira de rejeitar o desamparo. De maneira similar, conforme será explorado a seguir, estima-se a presença de um entranhamento de mecanismos ideológicos e paranoicos, a nível singular e social, como tentativa de afastamento da condição de desamparo.

#### 4.2 A MANIFESTAÇÃO DE MECANISMOS IDEOLÓGICOS NO CONTEXTO PANDÊMICO

Em face ao retorno ao desamparo, escancarado pelo cotidiano pandêmico, mecanismos ideológicos foram observados como ferramentas de tamponamento da dimensão estruturante que caracteriza essa condição. Faz-se importante evidenciar o quanto esses mecanismos operam de modo a escamotear a existência de diferentes concepções de mundo, indicando uma suposta neutralidade, como se o acesso à realidade não fosse interpelado pela interpretação (ORLANDI, 2001).

O termo “ideologia” evidenciou-se como palavra em voga para deslegitimação de discursos os quais pretendia-se desautorizar, implicando assim em um esvaziamento de seu sentido (FERREIRA et al, 2021). Mais especificamente, observou-se que o termo foi empregado com o intuito de criticar posicionamentos políticos, como se houvesse uma postura neutra a ser adotada, como fez Bolsonaro ao acusar a OMS de um viés ideológico e ameaçar a retirada do Brasil da Organização mesmo diante da calamidade sanitária vivenciada (GARCIA, 2020). Esse fenômeno pode ser observado também na fala de Vitor, que denomina “ideológica” a opinião de indivíduos que intitularam o presidente da República de “genocida” ao fazerem referência à sua gestão, buscando invalidar seu sentido.

Simplesmente por *ideologia partidária*, porque ele não é um genocida. Será que o Putin, com essa guerra, com essa *matança*, que tá lá na Ucrânia, ele pode ser rotulado de genocida? O presidente, ele não matou ninguém particularmente nessa área de saúde de atenção às pessoas, *eu acho que a gente tem mais genocidas*.

Diferentemente da função atribuída ao significante “ideologia” no senso comum, resgata-se aqui a acepção da Análise do Discurso, a qual a considera condição para constituição do sujeito, assim como da realidade, tendo em vista que ambos não são dados *a priori*, mas efeitos da linguagem. Mais especificamente, parte-se do entendimento de que não há sentido sem interpretação, e desse modo a ideologia presentifica-se na relação produzida entre o simbólico e o histórico, a partir da apreensão do sujeito sobre o real. Esse fato clarifica

a importância da compreensão dos mecanismos ideológicos e condições materiais que interpelam o sujeito, e que afetam sua interpretação sobre a realidade (ORLANDI, 2001). Análoga ao funcionamento do inconsciente, a ideologia dissimula sua existência no interior de seu funcionamento, tanto pelo apagamento do caráter material envolvido na relação entre significantes e objetos, ou palavra e coisas, quanto pela ocultação do fato de que o sujeito é constituído por ideologias (ORLANDI, 2001).

Orlandi (2001 p. 47) afirma não haver discurso sem sujeito, tampouco sujeito sem ideologia. Nesse sentido, o sujeito defrontado com a dimensão do desamparo, distancia-se daquele cartesiano, blindado pela verdade da ciência, proprietário de sua vontade e racionalidade. Faz-se alusão aquele sujeito dividido, submetido tanto ao seu inconsciente quanto às condições materiais as quais se insere: o ser em falta que é estruturado pelos furos da linguagem, da ideologia e da psicanálise, representados pelo equívoco, pela contradição e pelo inconsciente, sucessivamente (FERREIRA, 2005). Isto é: nos referimos ao sujeito que foi assujeitado no esforço de elaboração de diferentes estratégias psíquicas que negaram o conflito na busca de sobrevivência frente ao caos (CALAZANS e MATOZINHO, 2020).

Outro significativo conceito para a compreensão dos mecanismos ideológicos são os interdiscursos, que podem ser entendidos como a reconfiguração explícita ou implícita de ideias e discursos previamente proferidos, que interpelam o sujeito e dão sinais das condições sócio-históricas e políticas nas quais está inserido. Em suma, eles apontam para as lentes ideológicas que atravessam o olhar do sujeito sobre a realidade (ORLANDI, 2001). Dentre esses interdiscursos, pôde-se observar na fala de Vitor uma naturalização das mortes relacionada à gestão de Bolsonaro na pandemia, tendo em vista que afirma no trecho destacado acima a existência de “mais genocidas”, como se assim fosse esvaziado o peso dos óbitos relacionados a negligência federal (FRANCO, 2021). Essa afirmação ilustra a potência das palavras perpetradas pelo presidente, que, a partir de uma retórica insensível ao significado das perdas em decorrência do vírus, afirmou no momento da crise: “Alguns vão morrer? Vão morrer, lamento, essa é a vida.” (BOLSONARO, 2020, citado por FRANCO, 2021).

A fala elencada ilustra a tentativa do líder de equiparar as mortes causadas pelo vírus que assolou o mundo a quaisquer outros fenômenos naturais genéricos e fatídicos, se desimplicando assim da responsabilidade de gestor do Brasil e influenciando parte da massa de cidadãos que, representados aqui por Vitor, reproduziram o discurso de que as mortes por Covid-19 independeram das escolhas políticas, medidas sanitárias ou conjunturas sociais

(FRANCO, 2021). Supõe-se aqui que as repetições de conteúdo entre o que é dito por Bolsonaro e Vitor não são mera coincidência, mas podem se relacionar aos processos libidinais identificatórios abordados por Freud (1921/2020), entre líder e massa, tendo em vista que a percepção de aspectos em comum pode abrir a possibilidade da liderança ser colocada no lugar do Ideal de Eu e, assim, exercer influência sobre a massa (FREUD, 1921/2020). Dessa maneira, a formação de massas abrange um emaranhado de identificações que envolvem o amor a um líder, ou ódio a um objeto comum, fomentando uma coesão grupal. Assim, podem ser consideradas, por exemplo, as semelhanças entre características do presidente da República e do participante, como o fato de serem ex-militares e católicos, na tentativa de compreensão das identificações envolvidas. Além disso, vale ressaltar que as massas, sejam elas digitais ou não, são desprovidas de criticidade, altamente influenciáveis, e inabaláveis acerca de seus posicionamentos, não precisando de uma dimensão lógica para que sejam influenciadas, mas sim a repetição de maneira exacerbada e acrítica de determinados discursos (FREUD, 1921/2020; DUNKER, 2019a).

A suposição de que as repetições de conteúdo entre as falas do presidente e do participante Vitor implicam processos identificatórios respalda-se também no fato de que, inseridos no paradigma pós-verdadeiro, apelos afetivos de uma figura significativa tem maior influência sobre as concepções da realidade de seguidores do que os fatos que escancaram a realidade material, corroborando assim para uma concepção ideológica de naturalização de mortes evitáveis, mesmo frente aos dados que demonstram que mais de 120 mil óbitos que ocorreram no Brasil até março de 2021 poderiam ter sido evitados caso as devidas recomendações científicas tivessem sido seguidas pelas autoridades e acolhidas pela população (AZEVEDO e LIMA, 2020; DUNKER, 2019b; WERNECK et al, 2022).

Assim, torna-se possível refletir sobre como o mecanismo ideológico da necropolítica pode ter interpelado as subjetividades na pandemia, tendo em vista que a gestão da morte não se resume à promoção de genocídio aos grupos vulnerabilizados inseridos na racionalidade neoliberal, mas também à naturalização da negligência estatal frente as mortes, o desrespeito as recomendações de segurança e a supervalorização da economia em detrimento à proteção da vida. De acordo com Silvio de Almeida, citado por Franco (2021, p. 6), “não é preciso que o Estado mate: basta que ele deixe morrer ou deixe matar”. Da mesma forma, cabe refletir sobre a responsabilidade da população inserida neste contexto, dada a democratização do poder de matar, tendo em vista a possibilidade de contágio de si e do outro



(MBEMBE citado por BERCITO, 2020). Entretanto, não é preciso que mate, basta que legitime a negligência do governo frente ao exorbitante número de mortes como descrito no caso acima, ou que valide a quebra das recomendações científicas de prevenção (BERCITO, 2020, FRANCO, 2021; ROSÁRIO, 2020). Vitor afirma que “muitas mortes não foram por Covid, mas para poder desestabilizar um prefeito, ou um governador, enfim, *alguém que era importante*”. Novamente, é possível observar como a fala do participante é atravessada pelo mecanismo ideológico da necropolítica, levando em conta a crença de que parte das mortes no contexto da pandemia foram atribuídas ao coronavírus com objetivo de desestabilizar as vidas “importantes”: a dos governantes. Cumpre ressaltar que o foco atribuído por Vitor em sua narrativa é no que essas mortes significaram para a gestão das “pessoas importantes”, e não nas famílias dilaceradas que perderam seus entes.

É importante, também, evidenciar aqui a relação da necropolítica com o neoliberalismo, visto que esse pode ser caracterizado pela mercantilização e financeirização da vida, através das quais o valor humano é associado à produção (ROSÁRIO, 2020). Desse modo, os corpos economicamente ativos são explorados enquanto os improdutivos são passíveis de descarte. Esse fato ficou nítido por meio da sobrevalorização da economia em detrimento à vida observada na postura do presidente e de grandes empresários como Junior Durski, dono da rede Madero, que, frente às medidas de isolamento, afirmou: “o Brasil não pode parar por 5 ou 7 mil mortes” (ROSÁRIO, 2020). De maneira semelhante, a ideologia necroliberal pôde ser observada na fala de Vitor, que, a partir da repetição dos significantes “contribuir” e “produzir”, evidenciou o interdiscurso carregado da concepção de que as vidas que não produzem seriam passíveis de extermínio:

O vírus foi criado exatamente para poder reduzir a população. As pessoas estão vivendo mais, hoje em dia o público acima de 100 anos é considerável, né. Já passa de um milhão de pessoas, e não *contribui*. Porque não *produz*, então não *contribui*, não *produz*.

Nesse sentido, foi possível observar, durante a pandemia, o quanto a lógica necroliberal, atravessada pela mercantilização e subvalorização das vidas, fomentou a negação à ciência. Esse fato respalda-se pela legitimação, por parte de figuras de poder político e religioso, de tratamentos que ainda não haviam sido comprovados cientificamente em nome de um custo mais baixo e de uma suposta proteção sagrada, colocando, assim, vidas em risco (GUERREIRO e ALMEIDA, 2021). Um exemplo significativo, carregado de um viés fundamentalista religioso, é a fala de Bolsonaro, que incentiva a realização do denominado

“tratamento precoce”, associando-o a uma providência e proteção divina, sem que haja quaisquer aparatos científicos que atestem sua eficiência: “E, mais ainda, *Deus foi tão abençoado que nos deu até a hidroxicloroquina*, para quem se acometeu da doença. E quem não acreditou, engula agora.” (BOLSONARO, citado por SOARES, 2020). Desse modo, torna-se evidente a influência ideológica fundamentalista tanto na negação à ciência, quanto na mercantilização da vida, tendo em vista mais uma vez a repetição do conteúdo da fala de Bolsonaro no relato de Vitor, que afirma: “O melhor tratamento, é o tratamento preventivo; é evitar que a pessoa adoença. *Vai ficar mais barato para o Estado, vai ficar mais barato para a família.*”.

Ademais, no que diz respeito às práticas negacionistas, estas também foram fomentadas por lideranças político-religiosas-empresariais. Dentre elas, pôde-se observar a reivindicação da abertura dos templos religiosos em meio ao pico pandêmico por Silas Malafaia. O pastor evangélico, através de uma retórica inflamada, característica dos líderes de grandes massas digitais (DUNKER, 2019; FREUD, 1921/2020), em seu canal de *Youtube* no qual influencia um grande número de seguidores, defendeu as atividades religiosas como serviços essenciais utilizando a justificativa de dar amparo psicológico aos seus fiéis, assim como a defesa de que a economia não poderia parar, escamoteando seu interesse econômico pessoal, tendo em vista as contribuições que recebe dos fiéis e o possível prejuízo diante da possibilidade do fechamento dos templos (GUERREIRO e ALMEIDA, 2021). Seu posicionamento revela a influência do mecanismo ideológico fundamentalista religioso na negação da ciência, seja pela minimização dos riscos da pandemia, seja pela naturalização das suas consequências frente ao descuido, seja pela defesa de práticas que iam contra as recomendações das entidades de saúde, o que pode ser observado na seguinte fala:

Vai morrer gente pelo coronavírus? Vai. Mas se houver caos social, vai morrer muito mais. As igrejas são essenciais para atender pessoas em desespero, angustiadas, depressivas, que não serão atendidas nos hospitais. (MALAFAIA, 2020 citado por GUERREIRO e ALMEIDA, 2021)

Ainda, evidencia-se aqui o alinhamento entre as declarações ideológicas de cunho negacionista de Bolsonaro e o posicionamento de alguns pastores evangélicos em *lives* durante o período pandêmico, o que possibilita pensar nas articulações entre as massas digitais religiosas que exerceram influência na negação da ciência (GUERREIRO e ALMEIDA, 2021). Além disso, os posicionamentos citados apresentam influência de cunho fundamentalista religioso, tornando importante considerar as formas pelas quais essas

posturas podem ter implicado um aprofundamento do discurso negacionista. Guerreiro e Almeida (2021, p. 53) elencam em seu estudo as seguintes repetições de falas entre o líder político e lideranças religiosas evangélicas nas redes sociais:

a recusa em fechar os templos religiosos; o uso de medicamentos sem comprovação científica para o tratamento da doença, como hidroxicloroquina, cloroquina, azitromicina e ivermectina; as desconfianças em relação às vacinas; a negação da eficácia do uso de máscara facial; a defesa de falsas terapias (como o feijão ungido anunciado pelo apóstolo Valdemiro Santiago); a falácia de que a contagem de mortes é exagerada, coincidindo com as fake news sobre supostos caixões e túmulos vazios ao redor do país; a insistência em uma falsa imunidade nacional; a proposta de isolamento “vertical” e a imunização da população via disseminação do vírus, a chamada “imunidade de rebanho”; a tentativa de popularizar a expressão “vírus chinês” e a insinuação de que a pandemia seria uma “guerra química”; a eleição de um mosaico de inimigos do governo, como a imprensa, os cientistas, a OMS e os prefeitos e governadores...

Sustentamos aqui que a repetição dos discursos entre lideranças políticas e fundamentalista-religiosas nas redes não é acidental. Ambos se utilizaram das massas digitais descritas acima, e de argumentos religiosos fundamentados em princípios neoliberais que negam a ciência, com fim de preservar a economia e o projeto de retomada aos valores tradicionais, em detrimento a abertura com a alteridade, aos valores democráticos e a preservação da vida. Para tanto, a partir de uma retórica conspiratória e a consequente criação de inimigos, como as mídias, os comunistas, a esquerda, entre outros, transmitiram à massa acrítica e influenciável via meios digitais como *Instagram*, *Youtube* e *Telegram* que a “pátria amada” sofria mais ameaças das inovações do que da letalidade do vírus, precisando ser salva de forma urgente. A influência desse mecanismo de negação à ciência interpelado pela religião e pelo paradigma pós-verdadeiro pôde ser observada nas respostas ao formulário preenchido pelos participantes do estudo, os quais repetidamente caracterizaram a mídia como vilã. Além disso, foram observados relatos em que a mídia é julgada como perversa e mentirosa por compartilhar notícias consideradas falsas, o que levou os indivíduos a descartarem, de antemão, informações não oriundas de fontes habitualmente utilizadas, desinvestindo de afetos conteúdos com as quais não se identificavam (DUNKER, 2019a, 2019b).

O fenômeno de massa pode ser pensado a partir da pós-verdade, lente que atravessa ideologicamente as subjetividades contemporâneas e o fenômeno da negação da ciência. Na pós-verdade, os conhecimentos objetivos, como os dados, as orientações respaldadas pelo método científico e a quantificação de mortos na pandemia, têm menor influência sobre a

postura e opinião das pessoas do que apelos afetivos como o exposto acima, no qual Malafaia incentiva a abertura dos templos mesmo frente ao risco de contágio (AZEVEDO e LIMA, 2020; GUERREIRO e ALMEIDA, 2021). Essa característica da pós-verdade ficou evidente no interdiscurso de Vitor, exposto abaixo, ao refletir acerca da influência das notícias durante a pandemia, afirmando que a tendência é que as pessoas acreditem em quem confiarem, como em seus ídolos, exemplificando, dessa forma, os atravessamentos da pós-verdade na massa, que pautou seus comportamentos naqueles orientados por suas lideranças:

A minha tendência é acreditar naquela pessoa que eu confio, de repente é até meu ídolo né; então se está me falando que não vale, que ele, e a família dele não vai se submeter ao tratamento [precoce], eu acho que é aquela pessoa que tem pouca informação, e só vai seguir aquela mídia, que acredita piamente naquele seu ídolo político [...] (Vitor)

Conforme descrito, a ideologia, de forma similar ao inconsciente, oculta sua existência no âmago de seu funcionamento (ORLANDI, 2001). Isso pode ser observado na fala de Vitor, que reconhece o fenômeno das *fake news* e da negação à ciência que tomaram forma durante a pandemia; contudo, afirma eximir-se do fenômeno da pós-verdade tendo em vista a sua experiência de vida. Quando questionado se as notícias falsas, as quais estão presentes em abundância no contexto pandêmico pós-verdadeiro (GUERRA, 2021), lhe afetaram, ele responde: “Não eu especificamente, né? *Na minha idade eu já aprendi a lidar com isso, mas ela tem prejudicado muitas pessoas!*”

Assim, cumpre ressaltar a afirmação de Orlandi (2001), de que a subordinação e o assujeitamento se dão por forma de autonomia, e que a ideologia escamoteia a determinação do real, escondendo os interdiscursos que interpelam o sujeito. Nesse sentido, ainda que Vitor acredite que sua idade, e, portanto, a sua experiência de vida, o resguarde dos atravessamentos da pós-verdade, sua fala evidencia o quanto é influenciado por ela e pelos mecanismos ideológicos de massa, tendo em vista que sua posição é pautada naquilo que as pessoas, sobretudo os “grupos” que estão em sua volta, creem, e não em recomendações cientificamente fundamentadas e averiguadas:

Então as mídias hoje em dia [...] ela é, é muito cruel, quando ela está para o *outro*, para o *lado errado*, quando ela está para o *lado da mentira!* Ela destrói muitas coisas, muitos sonhos, muitos ideais...Tem que investigar, tem que pesquisar, para depois tomar sua posição. *Conversar com seus parentes, seus vizinhos, seus amigos, conversar com seus grupos, o grupo da mediação, perguntar o que acham...*

Faz-se importante reforçar o quanto os mecanismos ideológicos operam de modo a ocultar a validade da existência de diferentes visões de mundo, apontando para uma suposta

neutralidade, como se o acesso à realidade não fosse necessariamente atravessada pela interpretação. Pôde-se observar no relato de Vitor, acima, a concepção da existência de dois lados, o da verdade e o da mentira, característica da pós-verdade, a qual aloca no outro, nas mídias, naquilo que não concorda, o teor irreal. Aqui, o conflito é negado, não existe abertura para a alteridade - volta-se a um funcionamento psíquico mais primitivo frente ao desamparo que a dimensão do conflito pode implicar.

### 4.3 MECANISMOS PARANOICOS E DE NEGAÇÃO FRENTE AO DESAMPARO

O novo vírus trouxe consigo, para além do risco da contaminação e morte, uma sombra de incertezas relacionadas à forma de contágio, ao tratamento e às suas consequências (CALAZANS e MATOZINHO, 2020). A doença invadiu tanto corpos quanto subjetividades, deixando nítido o terror e trauma evocados pela entrada do estrangeiro nas vidas cotidianas (SOUZA e HENDERSON, 2021). Estrangeiro, nomeado por Freud (1919/1996) de "*Unheimliche*", aquele que traz estranhamento diante do familiar (tal como o vírus, que desestruturou o cotidiano da população mundial); ou estrangeiro no sentido denotativo: "aquele que não pertence a minha nação", e, portanto, pode me contaminar, roubar empregos do "meu povo", prejudicar o fluxo econômico do "meu país", e, portanto, torna-se inimigo daqueles inseridos na lógica neoliberal, como citado anteriormente.

Diante do horror, gerado pela impossibilidade de simbolizar e elaborar a nova realidade apresentada, os sujeitos, como vimos, desenvolveram uma estratégia de negação do desamparo, pautada em um mecanismo de desconfiança generalizada: o medo paranoico do outro (CALAZANS e MATOZINHO, 2020). Para tanto, teriam sido construídos inimigos que, assim como o vírus, deveriam ser combatidos, mas, diferentemente dele, não eram invisíveis. Os comunistas, a China, a esquerda, e as mídias foram elencados como rivais tanto da população, quanto do governo. Nesse sentido, destaca-se a seguinte fala de Vitor:

Você *tem* que investigar, então, vem *duas* notícias bem opostas né, as *duas* são contraditórias, e as *duas* vindo de grandes veículos de informação, e aí uma tá dizendo isso, a outra tá dizendo o contrário. Em quem acreditar?

Na fala acima, é possível observar, a partir da repetição do significante "duas", a concepção polarizada de que existiriam dois lados, bem como sua preocupação em descobrir qual deles carregaria a verdade, tendo em vista o teor de obrigação que a locução adverbial "ter que investigar" carrega. Isso denota certa desconfiança, incerteza e uma sensação de ameaça, demandando assim um estado de alerta.

Faz-se ímpar reforçar, conforme mencionado na seção “4.1 O retorno ao desamparo diante do terror pandêmico”, o quanto o modo de gestão paranoico é pilar da lógica neoliberal no Brasil, tendo em vista que opera criando inimigos que supostamente conspiram contra as liberdades individuais e o fluxo da economia. Desse modo, a gestão fomenta práticas e políticas em nome da liberdade, mas que resultam no aprofundamento da desigualdade e enriquecimento das elites, acompanhada do aumento de mortes não absorvidas pelo sistema (CALAZANS e MATOZINHO, 2020; FRANCO, 2021). Para tanto, são nutridas fantasias conspiratórias, capazes de influenciar a massa de seguidores de determinados líderes políticos e religiosos, que passam a desconfiar desses ditos inimigos da "sua" nação. Um significativo relato proferido por Bolsonaro ilustra esse mecanismo paranoico de acusar e desconfiar da China, a suposta vilã que criou o vírus com fins lucrativos:

É um vírus novo, ninguém sabe se nasceu em laboratório ou nasceu por algum ser humano ingerir um animal inadequado. Mas está aí. Os militares sabem o que é guerra química, bacteriológica e radiológica. Será que estamos enfrentando uma nova guerra? *Qual país que mais cresceu seu PIB? Não vou dizer para vocês* (BOLSONARO, 2021 citado por CNN, 2021)

O tom irônico adotado pelo presidente, que afirma que não irá revelar qual país mais cresceu economicamente na pandemia, mas incita a curiosidade e desconfiança frente a esse crescimento, escancara o mecanismo paranoico se expressando por meio da criação de teorias conspiratórias, que foram disseminadas nas redes sociais, mídias e em diferentes meios de comunicação. Nesse sentido, pode-se dizer que se por um lado as redes serviram como fonte de comunicação durante o período de isolamento social, por outro foram utilizadas como ferramenta de manipulação das massas digitais a partir de ideias delirantes, caracterizando o que Freud denominou paranoia em massa (CALAZANS e MATOZINHO, 2020; DUNKER, 2019a). Calazans e Matozinho (2020, p. 16), afirmam que “nessa modalidade a liderança paranoica ocupa o lugar do ideal que representa uma direção para as massas”.

Ninguém tá pensando no ser humano, tá pensando... numa oportunidade de *negócio*. E aí de novo... o *dinheiro*.. essa pandemia deu quanto pra China? A China ganhou quanto em cima dessa pandemia? O vírus veio de lá, quanto que ela cresceu nesse... todo mundo com a *inflação*, todo mundo com os *PIB* caindo e o *PIB* da China em dois dígitos. Entendeu? Então é o que eu te falo, tem o *dinheiro*, *cê vai atrás do dinheiro e você descobre a verdade*. (Jefferson)

Nesse sentido, um dos enunciados de Jefferson, exposto acima, ilustra a repetição desse tipo de discurso conspiratório já proferido anteriormente pela liderança política de ultra-direita, evidenciando assim a similaridade do posicionamento do presidente nas crenças

e opiniões políticas de seus apoiadores, fato característico do contexto pós-verdadeiro e dos mecanismos de massa. Além disso, a fala elencada evidencia como a lente capitalista atravessa a percepção paranoica de Jefferson sobre a realidade pandêmica, dada a repetição de significantes como “dinheiro”, “PIB”, “negócio” e “inflação”, palavras ligadas ao sistema econômico e utilizadas com frequência por ele. Ainda, pode-se notar, ao fim de sua enunciação, que para o participante a verdade está ligada ao dinheiro. Outro relato de Jefferson, exposto abaixo, evidencia a dimensão da lógica neoliberal ligada à paranoia, dado o olhar de desconfiança acerca da eficácia da vacina em razão dos interesses econômicos envolvidos por aqueles que a produzem:

Eu acho o seguinte, que eu já, já, já debati esse assunto *com outros amigos*, esse tratamento precoce não faz mal a ninguém. Não custa tentar! Diferentemente de você tomar uma vacina que... é... pode te causar mal e as vezes nem te proteger como deveria. Aí entra a questão econômica! Quanto é que custa a ivermectina? Quem é que ganha dinheiro vendendo ivermectina? Ninguém. Só o cara que produz lá o remédio e põe na farmácia. Todo mundo pode produzir, não tem uma exclusividade. Agora não lançaram um remédio próprio pra covid? Exclusividade de quem? Da Pfizer. Olha o dinheiro aí. Cê percebe isso? (Jefferson)

Ou seja, o participante nega a relevância de um procedimento cientificamente comprovado, tendo em vista que este estaria enriquecendo a farmacêutica Pfizer e indo contra aquilo defendido pelo presidente em falas como: “Eu aqui cheguei à conclusão, junto com pessoas que estavam do meu lado, que a hidroxicloroquina e a ivermectina logo no início servia para curar a Covid.” (PRÄSIDENT, 2021) e, em tom irônico, “Se você virar Super-Homem, se nascer barba em alguma mulher aí, ou algum homem começar a falar fino, eles [Pfizer] não têm nada a ver com isso. E, o que é pior, mexer no sistema imunológico das pessoas” (BOLSONARO, 2020 citado por FAGUNDES, 2020). A fala do presidente, que serve aqui como ideal paranoico para seus seguidores, orientando assim suas atitudes e crenças, reverbera em posturas de desconfiança, como pode ser observado no relato de Jefferson.

Nota-se, também, tanto na fala de Bolsonaro quanto na de Jefferson, a tentativa de atribuir maior legitimidade aos seus discursos afirmando já “ter discutido junto às pessoas que estavam ao meu lado” - no caso de Bolsonaro -, e “já debati o assunto com outros amigos” - no caso de Jefferson. Mais uma vez, são evidenciados os mecanismos de massa e o paradigma da pós-verdade que perpassaram a pandemia, permitindo observar que, através de mecanismos identificatórios, ideias delirantes são passíveis de serem coletivizadas no funcionamento de massa.

Frente ao desamparo pandêmico, estratégias paranoicas também foram utilizadas por lideranças político-religiosas-empresariais, tendo por objetivo minimizar a gravidade do vírus, franquear a abertura dos templos religiosos e preservar o fluxo econômico. O inimigo a ser combatido dessa vez seria satanás e sua diabólica tática que colocaria em risco o governo do “presidente escolhido por Deus” e a economia (GUERREIRO e ALMEIDA 2021, p. 63). Nesse sentido, Edir Macedo, proprietário de uma grande rede de televisão, de um expressivo canal no *Youtube* e líder fundamentalista religioso, afirmou, no início da pandemia:

[...] não se preocupe com o coronavírus. Porque essa é a tática, ou mais uma tática, de Satanás. Satanás trabalha com o medo, o pavor. Trabalha com a dúvida. E quando as pessoas ficam apavoradas, com medo, em dúvida, as pessoas ficam fracas, débeis e suscetíveis (EDIR MACEDO, 2020 citado por GUERREIRO e ALMEIDA, 2021).

A narrativa proferida por Macedo, por meio das redes, localiza de forma paranoica o foco do combate a satanás, em detrimento do combate ao coronavírus, buscando convencer os fiéis que não deveriam ter medo. Os efeitos foram diversos: desde a saída de fiéis às ruas sem máscaras, até a defesa de jejuns religiosos ao invés da adoção de medidas de proteção sanitária. Esses acontecimentos desvelam como a postura paranoica de líderes religiosos, motivados por interesses econômicos, fomentou a negação da ciência por parte de fiéis que os acompanhavam nas redes sociais. Quando questionado por entidades de saúde que percebiam a importância do fechamento de serviços não essenciais em que poderiam ocorrer aglomerações, Macedo recorre ao que Guerreiro e Almeida (2021) denominam de retórica do complexo persecutório - uma tática paranoica - acusando os cientistas e a mídia brasileira de Cristofóbicos e de estarem perseguindo a religião evangélica.

Outro ponto importante a ser destacado no relato de Macedo é a responsabilização atribuída aos sujeitos por seu próprio adoecimento, tendo em vista que a justificativa da doença para ele seria o medo e o pavor, e não a infecção viral. Essa hiperresponsabilização dos indivíduos e desresponsabilização do Estado é outra marca característica do neoliberalismo, no qual reivindica-se a liberdade para correr riscos, sendo a população plenamente responsável por sua saúde ou doença (FRANCO, 2021; SOUZA e HENDERSON, 2021). Franco (2021) demonstra o quão lucrativa a pandemia foi para as grandes empresas, seguradoras, plataformas virtuais, serviços funerários particulares, enquanto, sem amparo estatal, famílias responsabilizadas por cuidar do fardo de seu adoecer:

precisaram transportar pacientes em estado gravíssimo em táxis pagos com vaquinhas comunitárias, improvisar áreas de isolamento de cadáveres em habitações precárias, chorar diante de sepulturas coletivas abertas as pressas por



funcionários cansados e precarizados, nos cemitérios de massa do Brasil (FRANCO, p. 143).

Essa lógica de hiperresponsabilização dos indivíduos pode ser compreendida a partir do relato de Jefferson, que, ao partilhar seu entendimento acerca da abertura dos templos em meio ao pico pandêmico, relata:

fica difícil né você liberar uma igreja pra, pra, pra ter culto. Mas o que eu acho é o seguinte: quem é a pessoa mais interessada na sua própria saúde? É você. Vai quem quer. Não precisava proibir nada. Você vai porque você quer. Ah, eu aceito o risco, tô indo lá pra igreja, Deus tá me protegendo. Se você tem fé, você vai. Quem não quiser ir, não vai.

O trecho elencado demonstra que, para além da influência dos discursos de lideranças religiosas que negavam a ciência e a gravidade da pandemia, o discurso individualista, do sujeito dono de si que desconfia de todos à sua volta, marca neoliberal por excelência, também pode ter fomentado práticas de cunho negacionista.

O negacionismo científico, historicamente, refere-se a tentativas de revisionismo que minimizam ou desprezam fatos, como as mortes de judeus em meio ao terror dos campos de concentração, a ida a lua, o ataque às torres gêmeas, ou à negação de fatos cientificamente comprovados, como teorias que negam o aquecimento global, a origem cósmica da terra e a eficácia de vacinas (GUERRA, 2021; GUERREIRO e ALMEIDA, 2021). Atualmente, constata-se a facilidade de comunicação e manipulação da informação por meio das massas digitais e acredita-se que o negacionismo científico é também atravessado por mecanismos paranoicos. Teorias da conspiração, questionamento de fatos, supressão de evidências ou lógicas falaciosas envernizadas por discursos pseudocientíficos marcaram todo enredo pandêmico e, rapidamente, alcançaram as massas por meio das *fake news* (GUERREIRO e ALMEIDA, 2021).

Guerra (2021) demonstra que, para além de ações escancaradas de negação da ciência por parte do governo, como a destruição de programas de apoio à pesquisa, cortes de investimentos em universidades, questionamento de dados científicos quando contra seus objetivos políticos (como o número de mortes na pandemia), de medidas de segurança para prevenção e incentivo ao uso de medicações não comprovadas, foram também utilizados mecanismos conspiratórios, chamados aqui de mecanismos paranoicos de negação à ciência. Diferentemente do comunismo e da esquerda, apontados pelo governo como inimigos a serem combatidos, a ciência não foi colocada como adversária, mas sim como um “instrumento político utilizado ou manipulado por adversários” (GUERREIRO e ALMEIDA p. 48). Desse modo, evidencia-se, por exemplo, a teoria conspiratória que apontou a OMS como

promotora de interesses da China, ou as constantes críticas à “politização” da pandemia, que buscavam desautorizar recomendações científicas, respaldando assim a recusa dessas recomendações (GUERREIRO, 2021).

Inseridas nessa estrutura discursiva paranoica, no qual os adversários estariam manipulando as informações de forma ideológica, as subjetividades passam a negar aquilo que descartam como irreal, como Vitor, que relata:

Olha, *não não* [as notícias] me incomodavam *não*. Até como eu disse, eu absorvo aquilo que está dentro da minha linha de raciocínio, dentro da minha linha de entendimento.

Olha, *que me incomodou não*, pessoalmente não, agora é lógico que quando você via aquela quantidade de caixões lá em Manaus, é uma coisa que *choca*, não vou dizer que me incomoda, mas você olha: poxa será verdade? Choca. É, outras coisas que a gente vê na mídia assim *e a gente não tem certeza se é verdade, ou não*.

Para Freud (1925/2014), a negação é uma forma de conteúdos inconscientes recalçados ganharem caminho até a consciência. Desse modo, a negação seria a afirmação da existência daquilo que se nega, ou que “assume a forma de uma admissão invertida” (LAGOAS, 2016, p. 121). Isso pode ser observado em falas como a de Vitor, que, na busca de um aparente escamoteamento de seu incômodo acerca da quantidade de informações e notícias divulgadas durante a pandemia, afirma “não se incomodar, mas se chocar”. Tudo se passa como se a negação, num primeiro momento, o desimplicasse de seu incômodo, o distanciasse de processar o que os caixões significam, assim como teorias conspiratórias divulgadas nas redes que afirmavam que estes estavam sendo enterrados vazios ou cheios de pedra. Entretanto, nota-se que apesar da tentativa de negação paranoica do desamparo gerado pelas mortes, aspectos inconscientes parecem fornecer indícios de sua implicação afetiva, tendo em vista que logo em seguida verbaliza estar chocado.

Assim como Vitor, diferentes participantes da pesquisa que preencheram o formulário valeram-se desse mecanismo de negação da realidade, seja evitando ver notícias, seja questionando os dados divulgados. A palavra mais utilizada em suas respostas foi “não”, repetida 49 vezes, comparecendo também inúmeras vezes nas entrevistas realizadas. Desse modo, questiona-se como essa paranoica forma de negação pode ter contribuído para a banalização da pandemia

#### 4.4 A BUSCA PELA VERDADE-TODA

A busca por uma verdade absoluta e, portanto, apaziguadora, foi identificada como outra estratégia de recusa da dimensão do desamparo. Conforme adverte Jacob (1989, p.10)

Nada é tão perigoso como a certeza de ter razão. Nada causa tanta destruição como a obsessão de uma verdade absoluta. Todos os crimes da história são consequência de algum fanatismo. Todos os massacres foram cometidos por virtude em nome da verdadeira religião, do nacionalismo legítimo, da política idônea, da ideologia justa; em suma, em nome do combate contra a verdade do outro, combate contra Satanás.

O teor dos discursos proferidos no contexto do negacionismo científico brasileiro e que interpelam as narrativas dos sujeitos remete incessantemente à convicção de uma verdade única. Nesses discursos, a verdade se apresenta como justificativa para determinadas ações ou inações, como é o caso da negligência governamental no manejo da crise sanitária no país. Em um momento marcado por insegurança, medo e instabilidade, as redes digitais comparecem como instrumento fundamental no fortalecimento de concepções rígidas - porém efêmeras - de verdade, que servem ao negacionismo científico e, conseqüentemente, alimentam a necropolítica brasileira.

Em primeiro lugar, considera-se importante que alguns conceitos sejam retomados com o intuito de analisar as relações estabelecidas entre a busca pela verdade-toda, os discursos negacionistas na pandemia e a política de morte. Começamos pela perspectiva da literatura psicanalítica sobre o conceito de verdade. Conforme aponta Lacan (1973/2003), a verdade é não-toda, visto que seria impossível dizê-la em sua integralidade - materialmente, faltariam palavras. Dessa forma, sempre que enunciada, considera-se que ela só pode ser semi-dita na medida em que se manifesta por via do inconsciente:

é por isso mesmo que o inconsciente que a diz [a verdade], o verdadeiro sobre o verdadeiro, é estruturado como linguagem; e é por isso que eu, quando ensino isso, digo o verdadeiro sobre Freud - que soube deixar, sob o nome de inconsciente, que a verdade falasse. (LACAN, 1966/1998, p. 882)

Destacando “o caráter da verdade que se revela naquilo que se pode escutar no que *não é dito* no discurso consciente” (BEER, 2017, p. 43), é nas manifestações do inconsciente que se expressa uma forma de verdade, particular ao sujeito; isto é, nos sonhos, nos lapsos, nos chistes, entre outros (BIRMAN, 2010; KUPFER, 1992).

Em “A ciência e a verdade”, ao discorrer sobre a divisão do sujeito cartesiano, fruto da ciência moderna que teria instaurado “um divórcio entre o mundo dos valores e o mundo dos fatos” (JAPIASSÚ, 1997, p 75), Lacan (1966/1998) dá ênfase à divisão entre a verdade e o saber, em relação a qual o próprio sujeito é efeito. É justamente no hiato entre o saber e a verdade

que está localizado o sujeito ao qual a psicanálise se refere. Interessa-se, portanto, pelo saber sobre o inconsciente e pela verdade do sujeito, verdade esta que só existe na medida em que é dita, sem um critério exterior ao campo da linguagem que ofereça uma garantia de dizer o verdadeiro. A verdade do sujeito, então, se presentifica a partir dos restos do saber científico (BEER, 2017; CALAZANS, 2006; JORGE e TRAVASSOS, 2021).

Foi notória a quantidade elevada de referências feitas pelos participantes a uma “verdade” que seria capaz de elucidar os problemas enfrentados na pandemia. Considera-se, aqui, que a busca por uma verdade-toda na pandemia estaria relacionada a uma tentativa de negação da verdade do sujeito. A tentativa de preencher uma falta constituinte por meio de uma verdade absoluta se apresentaria, portanto, como um esforço de se des(haver) com a experiência do desamparo, tão íntima à constituição do sujeito. No entanto, a própria negação, na medida em que aponta para a insistência daquilo que se quer negar, apresenta-se como representativa dessa verdade.

Observou-se que a verdade, sob domínio de um discurso de ideal científico, tem incorporado diferentes representações. Conforme apontam os participantes, os aspectos políticos que se entranharam na vivência da pandemia teriam corrompido uma verdade representada pela ciência:

Eu percebi que essa pandemia tomou um cunho político. *Deixou de ser só ciência.* E... se você não fizer uma análise de tudo que você recebe, se você não fizer um filtro, muitas coisas... não são verdadeiras. (Jefferson)

Tem certas coisas que não precisam virar politizadas, *elas precisam ser ciência e pronto* - a vacina é isso, e pronto. Não é uma pessoa que vai me dizer se ela funciona ou não, *é a ciência.* (Bárbara)

Nos trechos acima, percebe-se um discurso de idealização da ciência, que a entende como neutra e isenta de influências externas, como se a dimensão política não atravessasse o conhecimento científico, como se os mecanismos ideológicos e o paradigma pós-verdadeiro não fossem também constituintes do que é percebido como conhecimento verídico. A falta de compreensão sobre os limites e os entraves da ciência parece ter sido facilitadora de conspirações e equívocos que se alastraram na pandemia, com o auxílio das características intrínsecas às redes sociais, como a aceleração, e o funcionamento das massas digitais (DUNKER, 2019a, 2019b). Dentre esses equívocos, destaca-se a ideia de que, por a vacina ter se desenvolvido rapidamente e ter sido caracterizada como experimental, ela não poderia ser confiável, negligenciando o esforço global e os numerosos recursos disponibilizados para a

produção de um tratamento contra o vírus que paralisou o mundo. Nesse sentido, o presidente da República, em fevereiro de 2021, declarou:

Agora, a vacina é algo novo, tanto é que é experimental... Vai chegar um dia que vai falar: olha, essa vacina aqui é 100% confiável. Como tantas outras que existem por aí. No momento, ela é emergencial. (TODAS..., 2021a)

Embora, no momento do pronunciamento exposto acima, o conhecimento científico em torno das vacinas contra o coronavírus já tivesse sido desenvolvido a ponto do tratamento ter sido aprovado por diferentes órgãos de controle e já ser aplicado em diferentes países, além de ter sido submetido a três fases de testes, a apropriação por parte do presidente de termos como “experimental”, além do fato da vacina não ser “100% confiável” - como se isso fosse uma possibilidade - dissemina uma desconfiança em relação ao tratamento e, assim, favorece um cenário em que a negação da eficácia das vacinas adquira mais legitimidade frente à massa. Destaca-se, inclusive, nos relatos de Jefferson e Vitor, a noção de que a vacina, que teria sido fabricada por empresas maliciosas, estaria causando mortes como uma estratégia de redução da população. Uma ideia parecida se expressa na fala do presidente, quando exprime, em janeiro de 2021:

Que que é vacina emergencial? Tem um laboratório produzindo. Não tá na fase final ainda e tá *morrendo gente*. Ó, vocês querem, tá à disposição, mas não podemos nos responsabilizar por efeitos colaterais. (TODAS..., 2021b)

A pregnância do tema da morte nos relatos de Jefferson e Vitor, sobretudo através de um distanciamento da possibilidade do próprio acometimento pela doença, sugere que as convicções sobre as vacinas ‘mortíferas’ denunciam mais uma vez a negação do desamparo. A apresentação de uma suposta verdade sobre a vacina como arma contra a população indica, justamente, como a apreensão de uma verdade-toda tem alimentado os discursos negacionistas e permitido um apaziguamento das tensões. Afinal, nessa lógica, ao optar por não se vacinarem, estariam evitando a possibilidade de óbito, afastando-se do desamparo. Jefferson, ao relatar um suposto complô da Pfizer com a China para lucrar em cima da morte dos cidadãos, relata: “cê vai atrás do dinheiro e você descobre a verdade”.

Conforme vimos acima, podemos depreender que estariam em voga discursos que utilizam uma deturpação da ciência, fomentando, assim, o negacionismo científico. Bolsonaro, em maio de 2021, manifestou em sua conta do *Twitter* que a mídia e a esquerda estariam utilizando de um “discurso pseudocientífico para disfarçar a demagógica politização do vírus” (BOLSONARO..., 2021). Considerando a profusão de afirmações de cunho negacionista

durante o seu governo por parte das lideranças, além das ações concretas da administração federal de inviabilização dos avanços científicos no país, a manifestação do presidente aponta para um mecanismo de projeção. No exemplo citado, isso se manifesta na medida em que o presidente acusa a mídia e a esquerda do que tem sido realizado durante a sua própria gestão. Novamente, ressalta-se que a ciência não tem sido alvo direto de discursos aversivos, e sim a sua politização e o mau uso que estaria sendo feito dela, conforme expõe o *Tweet* do presidente. Dessa forma, ao denunciar uma suposta ideologização da ciência, criam-se condições mais inteligíveis, aos olhos da massa, para justificar a postura negacionista.

Conforme exposto, o negacionismo científico parece ter se ancorado na premissa de que seriam os outros os desinformados, acríticos e cegos ao que realmente estaria acontecendo (CALAZANS e MATOZINHO, 2020). De acordo com um dos participantes, a população estaria sendo acometida por um sugestionamento de medo pretensioso e conspiratório da mídia em articulação com grandes empresas farmacêuticas. Nessa lógica, a mídia, ao induzir o medo em larga escala, incitaria a população a clamar por vacinas que renderiam lucros exorbitantes para os produtores ao custo das vidas da população: “a Pfizer tá ganhando dinheiro - se tá morrendo gente porque tomou a vacina [...] os caras lá tão dando risada!”. Ou seja, conforme esse posicionamento, as mortes com as quais a população deveria se preocupar seriam aquelas causadas pela ganância dos fabricantes das vacinas.

Tomando como direcionamento a fala acima, considera-se que o negacionismo científico pode indicar uma dimensão de cegueira psíquica em relação a um tipo de saber insustentável. Ao mesmo tempo, essa cegueira estaria sendo projetada no outro. Diante de um não-querer ver, decorrente do desprazer percebido no mundo externo, especula-se que os sujeitos interpelados pelos discursos negacionistas expulsam e negam aspectos de si mesmos, projetando esses aspectos para uma outra parcela da população que, no exemplo citado, estaria sendo implicada num sugestionamento de medo (FREUD, 1925/2020; GUERRA, 2021). Vale destacar que o conteúdo da substituição de uma imagem por outra na cegueira psíquica descrita não se restringe ao âmbito individual, visto que discursos negacionistas difundidos por figuras influentes no âmbito público ressoam nos relatos coletados, mostrando como os mecanismos ideológicos difundidos por meio das massas digitais interpelam as subjetividades dos sujeitos.

Assim, conforme aprofundado na seção “4.3 Mecanismos paranoicos e de negação frente ao desamparo”, a partir de uma gestão do medo, forja-se a figura de um inimigo

“ideológico” interessado em destruir o atual governo, os valores tradicionais e as liberdades individuais, conforme expresso por Bolsonaro ao discursar sobre as “ideologias nocivas e inversão de valores” que estariam acometendo o país (GUERRA, 2021). Emerge o discurso bolsonarista que, disseminando o medo e a insegurança, revela sua dimensão supostamente protetora e capaz de devolver segurança à população. Jefferson, relatando sua indignação com as pessoas que chamam o governo de “genocida”, expressa: “se você vai por essa vertente em que os cara tão falando mal, e não estuda *a verdade*, você acaba acreditando que realmente o governo não queria [comprar a vacina]”. Em sua perspectiva, a verdade é aquela de um governo diligente, conforme reiterado pelo presidente em abril de 2020: “não restam dúvidas de que o nosso objetivo principal sempre foi salvar vidas” (TODAS..., 2020), diferente dos inimigos chineses comunistas que estariam “brincando com as nossas vidas” a partir da criação do vírus. Novamente, percebe-se que a lógica do inimigo fomenta a recusa da alteridade, a disseminação de discursos e práticas negacionistas e, conseqüentemente, o aumento de mortes evitáveis no país em decorrência da negligência governamental (WERNECK et al., 2022).

A ciência e o fervor por uma verdade absoluta são postos, assim, a favor dos dogmatismos (CALAZANS e MATOZINHO, 2020; GUERRA, 2021; JACOB, 1989; TIBURI, 2019). Vale destacar a retórica icônica da pós-verdade nos ambientes virtuais, que remete ao uso de elementos marcantes, como imagens, frases de impacto, *slogans*, etc., que mediam as interações e que, devido ao seu caráter imagético, são apreendidos de forma imediata. Na pandemia, observou-se a manifestação de diferentes militâncias nas redes sociais que, ao mesmo tempo que insistiam em se fazerem ouvidas, simultaneamente descartavam a presença de outros grupos, caracterizando as massas digitais como surdas e ecóicas (DUNKER 2019a, 2019b; GUERRA, 2021; HAN, 2012/2017). Ainda, por meio de publicações e trocas de mensagens no âmbito virtual, cumpre ressaltar que as interações acabam por ser previamente editáveis, distanciando progressivamente o sujeito das dinâmicas implicadas na comunicação face-a-face: “na fala [...] estamos ‘amarrados na situação, presos em um jogo de ‘risco’ no qual as coisas devem ser decididas em tempo real” (DUNKER, 2017, p. 20). O paradigma da pós-verdade pode, assim, implicar em um distanciamento do sujeito da sua verdade, entendida em sua dimensão singular, falante e, sempre, faltante.

Levando em consideração os argumentos apresentados, considera-se que há uma relação entre a busca por uma verdade-toda e um distanciamento da verdade do sujeito. Ao

almejar uma verdade absoluta no contexto do terror pandêmico, verdade essa exaustivamente oferecida por lideranças através de uma gestão do medo, distancia-se da realidade da dimensão do desamparo, constituinte das subjetividades

#### **4.5 DESREALIZAÇÃO E BANALIZAÇÃO: DIFERENTES REPERCUSSÕES DA NECROPOLÍTICA DA PANDEMIA**

*Se números frios não tocam a gente*

*Espero que nomes consigam tocar*

(CÉSAR, 2021)

Com a canção acima, Chico César fez uma sensível homenagem às vidas ceifadas pela Covid-19. O apelo do artista carrega um propósito de elaboração e simbolização, processos expropriados de algumas famílias diante do terror vivenciado na pandemia, dada a conjuntura que dificultou os rituais fúnebres, importantes etapas em processos de luto (FRANCO, 2021). Inspirado no projeto “inumeráveis”, em que nomes e histórias de vítimas do vírus são resgatados, espera-se fazer memória àqueles sujeitos que carregavam consigo diferentes vivências, mas que não resistiram à morte, tampouco ao apagamento de suas subjetividades (MORAES, 2022). O trecho da música instiga reflexões acerca da insensibilidade frente às mortes decorrentes do vírus, provocando uma busca pela compreensão acerca do que pode ter fomentado essa postura da sociedade brasileira e de seus gestores frente à calamidade que levou ao óbito de 677 mil pessoas (SUS, 2022).

Safatle (2021 citado por FRANCO, 2021, p. 157) afirma que:

[...] o que impressiona, no caso brasileiro, não é apenas o número terrível de mortos, mesmo ao levar em conta apenas os notificados. O que de fato impressiona é a ausência de luto, é a mecânica da indiferença social, é a recusa das lágrimas.

O trecho do autor, exposto acima, pode ser compreendido a partir de um olhar para a política de desaparecimento e dessensibilização que perpassa a sociedade brasileira, também denominada necropolítica.

O cara lança o vírus, e qual que é, aí... esse vírus causa morte, mas se você estudar o processo você vai ver que são só 2%... quer dizer... fica até feio falar que *só são 2% de vidas perdidas*, porque isso em valores nominais chega a milhões de pessoas no mundo. Mas em termos estatísticos né, assim, analisando os números *friamente*, são 2%, que morrem. Mas a mídia, ela... ela... e as comunidades, é, é, as mídias sociais, elas começaram a... a derramar conteúdos de medo em cima da gente! (Jefferson)

Nessa forma de gestão, pautada no extermínio, a vida e a morte tem seus sentidos profundamente alterados, o que pode ser observado na fala de Jefferson, que ao defender a



tese de que o vírus não é tão letal quanto divulgado pelas mídias afirma que “só 2% de vidas são perdidas”, ainda que esse valor extrapole milhões de pessoas. O significante “friamente” aponta para uma necessidade de blindagem afetiva para que seja possível a trivialização do significado desse número de mortes, e aponta para a importância de um aprofundamento no entendimento acerca dos mecanismos necropolíticos que fomentam uma insensibilidade generalizada.

Fomentada pela racionalidade neoliberal, em que o valor humano é atrelado à capacidade de produção, são deteriorados, na necropolítica, os sistemas de proteção social. Assim, a violência passa a reger as relações entre Estado e população e é instaurado um permanente estado de exceção no qual corpos são desprovidos de sentido, valor e historicidade. O significado da morte extrapola aqueles descritos pela medicina ou direito, e, indo além da materialidade corporal, manifesta-se por meio do esvaziamento da existência, dos direitos, da dimensão histórica e política das pessoas (FRANCO, 2021). Nesse sentido, Almeida (citado por Franco, 2021, p. 16) destaca que:

Matar, sequestrar, sumir com o corpo, arrastar o corpo na traseira de um carro, dar oitenta tiros em um homem ou não investigar um assassinato são fatos cotidianos que reforçam a ideia de que certas vidas não valem nada, não importam.

É naturalizado, então, de maneira corriqueira, um estado de exceção (FRANCO, 2021). O aparente ato falho de Vitor, exposto a seguir, demonstra o pesar de estar constantemente em risco: “[...] infelizmente a gente tá aqui para viver”.

A necrogestão e seus dispositivos governamentais, ou seja, o conjunto de saberes, práticas, discursos e tecnologias que gerem os corpos mortos e, por consequência, os vivos, não datam de hoje em terras brasileiras. No que diz respeito ao período ditatorial, práticas como o desaparecimento de “inimigos políticos”, “vítimas de fome”, “vítimas de violência do Estado” ou até mesmo “vítimas de doenças” eram comuns, e escamoteavam os interesses políticos, econômicos e históricos envolvidos (FRANCO, 2021, p. 19). Um exemplo significativo dessa política de desaparecimento e apagamento identitário diz respeito aos 532 natimortos que foram enterrados como “desconhecidos” no período ditatorial devido a uma epidemia de meningite que colocaria o governo em posição de vulnerabilidade às críticas. Nesse sentido, Gatti (2008, citado por FRANCO, 2021, p. 28) afirma: “[...] a separação das palavras e das coisas, do corpo e do nome. Por detrás dele não sobra nada dessa relação, um corpo sem nome, um nome sem corpo”. Essa política de desaparecimento, e a consequente

dessubjetivação dos mortos, deteriora as condições inerentes aos processos de simbolização e elaboração do luto, tornando essas mortes menos reais, e, dessa forma, provocando uma minimização de seus significados.

Da mesma forma, pôde ser observado, na pandemia, a tentativa de apagamento das estatísticas e número de mortes pelo governo federal, o qual, durante a disparada de mortes, excluiu da plataforma do Ministério da Saúde as informações do boletim epidemiológico diário, usando a justificativa de que o acúmulo de dados não demonstrava o número de pessoas recuperadas (NOVAES, 2020). Essa tentativa de apagamento dos dados estatísticos relativos às mortes do vírus pode ser comparada ao desaparecimento de corpos ou a desidentificação daqueles encontrados no período ditatorial, o que remete ao dispositivo necrogovernamental de esvaziamento e dessubjetivação, e a consequente desresponsabilização do governo pelas mortes (FRANCO, 2021). A perda do contato com os números traz a sensação da perda de sua materialidade, gerando nas pessoas um efeito de desrealização e banalização. Essa banalização pôde ser identificada no relato de Jefferson, ao minimizar a importância das estatísticas: “não importa o número de mortes de hoje, de ontem ou de amanhã”. Trechos de todos os participantes entrevistados evidenciam como uma indiferença frente ao número de mortes esteve presente em suas vivências, ao relatarem de que forma foram impactados pelo número de óbitos divulgados nas redes durante o período:

Sinceramente, não fez diferença nenhuma, porque eu já não tava acompanhando os números há muito tempo... quando eu olho para um número, 100 mil, para 150 mil, não.. não vou ter noção disso, entendeu? (Bárbara)

O apreço pela própria saúde mental e as estatísticas que extrapolaram a capacidade de dimensionalização foram explicações utilizadas pelos participantes do estudo ao se expressarem de modo a relativizar as notícias acerca das mortes. Cabe ressaltar o quanto esses posicionamentos parecem ser envoltos por um individualismo, característica neoliberal por excelência, e que se fez extremamente presente na pandemia, dado o descompromisso do Estado no cuidado com a saúde da população, deixando à revelia (CALAZANS e MATOZINHO, 2021; FRANCO, 2021). Com a lógica do “cada um por si”, e o enfraquecimento da possibilidade de laços de solidariedade, Mbembe alerta para o risco de que a conta dessa lógica recaia sobre os mais vulneráveis (CALAZANS e MATOZINHO, 2021). Um interessante trecho que demonstra a banalização do número de mortes a partir de uma justificativa individualista, em que a saúde mental e o afastamento de preocupações é priorizado em

detrimento do contato com a realidade, é o de Vitor. Foi apresentada, durante a entrevista, uma charge publicada durante a pandemia, na qual havia duas pessoas deitadas, uma delas mexendo no celular, questionando a outra: “não vai ver o número de mortes hoje?” (ANEXO B). Quando indagada sua opinião sobre a imagem, o participante relata:

Olha, na idade que ela já está, ela quer se poupar de algum sofrimento, seria uma preocupação a mais. *Ela.. ter, ter, ter*, conhecimento de milhares de pessoas que estão morrendo pela covid, sendo que *ela poderá, poderia*, no caso, ser um alvo no futuro próximo. Então, para se poupar e sofrer menos, *ela* prefere, *prefere, ela* no caso, prefere não ouvir, não dar importância às coisas que estão acontecendo, vai dormir para poder ter um sono mais tranquilo, ter a alma mais sossegada: um problema a menos para ela se preocupar.

A fala do participante remete a um mecanismo de projeção, no qual algo indesejável de si é localizado no outro (FREUD, 1940/1996). A partir da charge apresentada, na qual as personagens não possuíam faixa etária especificada, Vitor deduz que a moça é uma senhora, assim como ele (idoso), afirmando que o contato com essas estatísticas seria uma preocupação desnecessária, dada a sua idade e os sofrimentos que supostamente já carrega. Além disso, a partir do ato falho no qual o participante substituiu rapidamente a palavra “poderá” por “poderia”, percebe-se sua implicação e preocupação sobre o risco de ser um alvo no futuro próximo, tendo em vista a urgência da correção do verbo para o subjuntivo, como se, ao se referir a pessoa da charge sobre qual fazia sua interpretação, negasse seu desamparo e angústia sobre a possibilidade do adoecimento.

Fechar os olhos para a política de morte, a qual naturaliza a precariedade de direitos, nega acessos e condições mínimas de vida, beneficiando-se de facilidades do atual sistema econômico de forma acrítica, é fomentar também a política necrogovernamental. É no encontro com a alteridade que se torna possível a criação de possibilidades frente ao terror, saídas subjetivas implicadas com o laço social.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visando compreender alguns dos desdobramentos psíquicos da experiência da pandemia no Brasil, e apoiados nos princípios metodológicos da análise de discurso, em articulação com os aportes teórico-clínicos da psicanálise, procuramos, neste trabalho, investigar as relações entre o negacionismo científico e o fundamentalismo religioso, e o papel das massas digitais nos processos de subjetivação e sofrimento psíquico vivenciados pela

população frente ao terror pandêmico. Ao longo das análises, buscamos verificar os impactos do fenômeno da pós-verdade nas subjetividades contemporâneas, bem como as consequências psicossociais da necropolítica que toma forma no país.

A pandemia, inserida em uma conjuntura de necropolítica, e perpassada por discursos de negação à ciência e de cunho fundamentalista-religioso, demandou um exame dos mecanismos ideológicos presentes no momento de calamidade enfrentado pela população. Em contramão à forma com que o termo “ideologia” tem sido utilizado em discursos políticos, recorreremos a uma compreensão da ideologia como constituinte do sujeito e estruturante de suas interpretações sobre o mundo (ORLANDI, 2001). Partindo dessa compreensão, observou-se que os mecanismos ideológicos que interpelaram as subjetividades durante a pandemia, tais como a necropolítica e o fundamentalismo religioso, concorreram para a formação de discursos conspiratórios, de negação à ciência e de rejeição à alteridade. Assim, as ameaças percebidas extrapolaram aquelas relacionadas ao contágio pelo vírus, tendo em vista a gestão do medo operacionalizada durante a pandemia através das engrenagens ideológicas que atravessaram o período (CALAZANS e MATOZINHO, 2020; DUNKER, 2019a; HAN, 2012/2017; ROCHA, 1999).

Nesse sentido, para além do enfrentamento do terror evocado pela ameaça biológica, escancarada pela chegada do estrangeiro (FREUD, 1919/1996), as subjetividades foram imbuídas da tarefa de encontrar estratégias psíquicas para encarar o caos político, econômico e social instalado (CALAZANS e MATOZINHO, 2020; GUERRA, 2021; SOUZA e HENDERSON, 2021). Valendo-se da potencialidade, instantaneidade e alcance das massas digitais, discursos negacionistas invadiram as telas da população, estimulando a minimização dos riscos da pandemia e repercutindo em uma banalização das mortes causadas pelo vírus (CALAZANS e MATOZINHO, 2020; EMPOLI, 2019; FRANCO, 2021; GUERREIRO e ALMEIDA, 2021; SOUZA e CHÉQUER, 2020).

Diante desse contexto, e com base nas entrevistas realizadas, evidenciou-se que uma das estratégias adotadas em resposta ao terror da pandemia foi a de negar a experiência do desamparo. Consideramos que essa negação se configurou como uma construção psíquica de defesa, fundada na impossibilidade de simbolizar uma realidade cuja verdade, por revelar a incompletude estrutural do sujeito, tornou-se insuportável (FREUD 1925/2014). Dentre os diferentes mecanismos psíquicos identificados e teorizados como forma de uma desimplicação dessa condição, destacaram-se: os mecanismos paranoicos de negação e

projeção, a busca por uma verdade-toda e a banalização da pandemia e de suas consequências. Assim, observados em narrativas negacionistas, tais mecanismos parecem ter possibilitado uma desvinculação coletiva da experiência do horror vivenciada durante a crise sanitária.

No que diz respeito aos mecanismos paranoicos de negação e projeção, estes parecem ter assumido uma forma massificada (CALAZANS e MATOZINHO, 2020; FREUD 1925/2014). Valendo-se das redes sociais como palco de manifestações de teorias conspiratórias, diferentes lideranças políticas e religiosas fomentaram a retórica do inimigo, com narrativas de desconfiança voltados, por exemplo, à Organização Mundial da Saúde, às mídias e à esquerda (CALAZANS e MATOZINHO, 2020; GUERRA, 2021).

Já a busca por uma verdade-toda como estratégia de defesa manifestou-se através de relatos que remetiam incessantemente à convicção de uma verdade única e absoluta. Nesses relatos, a verdade foi percebida como justificativa para ações ou inações de lideranças políticas na gestão da pandemia. Considerando a crise como um período marcado pelo medo, notou-se o papel das redes digitais como instrumento no fortalecimento de concepções rígidas, mas efêmeras, de verdade, servindo aos discursos negacionistas (DUNKER, 2019a, 2019b; GUERRA, 2021). O apego a uma única verdade, aquela que seria capaz de obliterar qualquer conflito e assegurar um apaziguamento, pareceu apontar para uma impossibilidade psíquica de reconhecimento do desamparo. Assim, a busca por essa verdade absoluta acabou promovendo também um distanciamento do sujeito de sua verdade.

Por fim, em relação à banalização da pandemia como estratégia de defesa empregada, evidenciou-se o entranhamento da necropolítica, em articulação com discursos de negação da ciência, na vida psíquica, revelada pela naturalização de um estado de exceção, no qual algumas vidas tornam-se desprovidas de valor, sentido e historicidade. A banalização pôde ser observada, dentre outras formas, através de uma sensação de perda da materialidade dos óbitos decorrentes do coronavírus, gerando um efeito de desrealização (FRANCO, 2021). A demanda psíquica por uma fuga dos horrores causados pela pandemia parece ter não só permitido um escamoteamento da própria incapacidade de elaborar a nova realidade, como também ter fomentado a engrenagem da necropolítica brasileira, ao custo da vida dos cidadãos.

## REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Sergio. Polarização radicalizada e ruptura eleitoral. In: PASSOS, Julia. **Democracia em risco?: 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 11-34.

ALVES, José Eustáquio Diniz.; CAVENAGHI, Suzana Marta.; BARROS, Luiz Felipe Walter; CARVALHO, Angelita Alves de. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. **Tempo Social**, v. 29, n. 2, p. 215-242, 2017.

AZEVEDO, Mauri de Castro & LIMA, Marcus Antônio Assis. Fake news e pós-verdade na construção do Neoconservadorismo no Brasil pós-2013 e os efeitos nas eleições de 2018. **Letrônica**, v. 13, n. 2, p. e35546, fev. 2020.

BEER, Paulo. **Psicanálise e ciência: um debate necessário**. Editora Blucher, 2017.

BERCITO, Diogo. Pandemia democratizou poder de matar, diz autor da teoria da "necropolítica". **Folha de S. Paulo**, Washington, 30 mar. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/pandemia-democratizou-poder-de-matar-diz-autor-da-teoria-da-necropolitica.shtml>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

BERTOLINI, Jeferson. O conceito de biopoder em Foucault: apontamentos bibliográficos. **Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação**, v. 18, n. 3, 18 dez. 2018.

BOLSONARO. - **SEMPRE existiram dois desafios**: o vírus e a economia. E apesar da mídia e da esquerda terem negado esse e [...]. 27 maio 2021. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1397864566839775235>. Acesso em: 12 jul. 2022.

BORGES, Gabriel Mendes; CRESPO, Claudio Dutra. Demographic and socioeconomic characteristics of Brazilian adults and COVID-19: a risk group analysis based on the Brazilian National Health Survey, 2013. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 10, e00141020, out. 2020.

BRASIL ultrapassa 350 mil mortes por Covid, com média móvel de 3 mil óbitos por dia. **G1**, 10 abr. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/04/10/brasil-ultrapassa-350-mil-mortes-por-covid-com-media-movel-de-3-mil-obitos-por-dia.ghtml>>. Acesso em: 11 abr. 2021.

BIRMAN, Joel. A problemática da verdade na psicanálise e na genealogia. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 1, p. 183-202, jun. 2010.

CALAZANS, Roberto. Psicanálise e ciência. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 273-283, dec. 2006.

CALAZANS, Roberto; MATOZINHO, Christiane. Pandemia, paranoia e política. In: A pandemia crítica. São Paulo: N-1 edições, 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/054>

CAMBAÚVA, Lenita Gama; SILVA JUNIOR, Mauricio Cardoso da. Depressão e neoliberalismo: constituição da saúde mental na atualidade. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 25, p. 526-535, 2005.

CAPONI, Sandra. Biopolítica, necropolítica e racismo na gestão do covid-19. **Porto das Letras**, v. 7, n. 2, p. 22-43, 9 abr. 2021.

CARRANZA, Brenda. O Brasil, fundamentalista? **Revista Encontros Teológicos**, Ano 24, n. 52, p. 147-166, 2009.

CNN, Bolsonaro questiona origem da Covid-19: Ninguém sabe se nasceu em laboratório. São Paulo, 05 de mai de 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-questiona-origem-da-covid-19-ninguem-sabe-se-nasceu-em-laboratorio/>> Acesso em 24. jul. 2022

CARONE, Carlos. Religiosos protestam na Esplanada contra decisão do STF sobre cultos. **Métropoles**, Brasília, 11 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/religiosos-protestam-na-esplanada-contradecisao-do-stf-sobre-cultos>>. Acesso em: 11 abr. 2021.

CÉSAR, Chico. **Inumeráveis**. 2020. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=xTKk6N6h5vA>. Acesso em: 14 jul.2022

COSTA, Alex Junio Duarte; MENDES, Everaldo dos Santos; PIMENTA, Amanda Marques; RODRIGUES, Amélia. Psicanálise e política: análise do desamparo e o negacionismo no cenário do coronavírus (covid-19). In: FERREIRA, Ezequiel Martins. **Psicologia: A Ciência do Bem-Estar**. Ponta Grossa: Atena, 2021, p. 39–55.

COSTA, Anna Gabriela. Entenda quando um sistema de saúde entra em colapso e como sair da crise. **CNN Brasil**, São Paulo, 3 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/03/03/entenda-quando-um-sistema-de-saude-entra-em-colapso-e-como-sair-da-crise>>. Acesso em: 4 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. Brasil bate recorde e registra 4.249 mortes por Covid-19 em 24 h. **CNN Brasil**, São Paulo, 8 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/04/08/brasil-bate-recorde-e-registra-4249-mortes-por-covid-19-em-24h>>. Acesso em: 11 abr. 2021.

DA SILVA, Leodefane Bispo. Terrorismo moderno e fundamentalismo religioso: uma era de incertezas no âmbito global. **Akrópolis - Revista de Ciências Humanas da UNIPAR**, Akrópolis, v. 23, n. 2, p. 181-189, jul. 2015.

DA SILVEIRA, Evanildo. Em reação a negacionismo, pesquisadores levam “ciência descomplicada” às redes sociais. **BBC News**, 20 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-56421745>>. Acesso em: 5 abr. 2021.

DE NEGRI, Fernanda; MACHADO, Weverthon; MIRANDA, Pedro; KOELLER, Priscila; ZUCOLOTO, Graziela Ferrero. Aspectos socioeconômicos da Covid-19: o que dizem os dados do Município do Rio de Janeiro? **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**, Brasília, jul. 2020.

DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. Grupo focal online e offline como técnica de coleta de dados. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 17, n. 1, p. 75-85, abr. 2007.

DUNKER, Christian. Psicologia das massas digitais e análise do sujeito democrático. In: PASSOS, Julia. **Democracia em risco?: 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 116-135.

\_\_\_\_\_. Subjetividade em tempos de pós-verdade. In: FARAON, Gustavo, DANTAS, Julia, ROSP, Rodrigo, LEÃO. **Ética e Pós-Verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2019, p. 7-37.

EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos**: Como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. São Paulo: Vestígio, 2019.

EU sou a constituição, diz Bolsonaro um dia após ato pró-golpe militar. **Folha de S. Paulo**, 20 abr. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/democracia-e-liberdade-acima-de-tudo-diz-bolsonaro-apos-participar-de-ato-pro-golpe.shtml>>. Acesso em: 6 jun. 2022.

FAGUNDES, Murilo. Bolsonaro volta a criticar vacinação obrigatória e ironiza “vacina da China” em PODER 360, 17 de dez de 2020. Disponível em <<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-volta-a-criticar-vacinacao-obrigatoria-e-ironiza-vacina-da-china/>>. Acesso em 24. jul.2022

FAVERO, Paulo. **Após Brasil atingir 650 mil mortes por covid, especialistas lamentam "óbitos evitáveis"**. 2 mar. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/estado/2022/03/02/apos-brasil-atingir-650-mil-mortes-por-covid-especialistas-lamentam-obitos-evitaveis.htm>. Acesso em: 6 ago. 2022.

FERREIRA, Eric; AGNOLETTO, Ana Cristina; SERAGLIO, Maruana. O discurso bolsonarista sobre o viés ideológico na pandemia da COVID-19. **Revista Heterotópica**, v. 3, n. 1, 2021.

FERREIRA, Maria Cristina. Linguagem, Ideologia e Psicanálise. **Rev. Estudo da Língua**. 2005. Vitória da Conquista. n. 1. p. 69-75.

FRANCO, Fábio Luís. **Governar os mortos: necropolíticas, desaparecimento e subjetividade**. 2021. 1ª ed., São Paulo: Ubu Editora

FREUD, Sigmund. **A negação**. São Paulo: Cosac & Naify, 1925/2014.

\_\_\_\_\_. Introdução ao Narcisismo. In: EUVALDO, Célia. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1916[1914]/2010, p. 13-50.



\_\_\_\_\_. O futuro de uma ilusão. In: IANNINI, Gilson. **Cultura, sociedade, religião: o mal estar na cultura e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1927/2020, p. 233-298.

\_\_\_\_\_. O estranho. **Obras completas**. ESB, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1919/1996

\_\_\_\_\_. Psicanálise e Psiquiatria. In: EUVALDO, Célia. **Conferências introdutórias à psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 1917[1916]/2014, p. 325-342.

\_\_\_\_\_. Psicologia das massas e análise do eu. In: IANNINI, Gilson. **Cultura, sociedade, religião: o mal estar na cultura e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1921/2020, p. 137-232.

\_\_\_\_\_. Sobre Psicanálise. In **S. Freud, Obras completas** (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago. 1940/1996.

GABATZ, Celso; ANGELIN, Rosângela. Por quem os sinos tocam: reflexões acerca dos discursos negacionistas e os fundamentalismos religiosos em tempos de pandemia no Brasil. **As configurações das identidades em tempos de intolerâncias e fundamentalismos**. Clac E-books, Foz do Iguaçu, 2021.

GARCIA, Gustavo. “Bolsonaro aponta 'viés ideológico' na OMS e ameaça tirar Brasil da organização”. Brasília, 05 jun. 2020 Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/05/bolsonaro-aponta-vies-ideologico-na-oms-e-ameaca-tirar-brasil-da-organizacao.ghtml>. Acessado em 01.jul. 2022

GUERREIRO, Clayton; ALMEIDA, Ronaldo de. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19. **Religião & Sociedade**, v. 41, n. 2, p. 49-74, ago. 2021.

GONZALO,Vecina: ‘É um desastre que médicos estejam receitando tratamento precoce’. **Rede Brasil Atual**, São Paulo, 26 mar. 2021. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/2021/03/medicos-tratamento-precoce-denunciados-gonzalo-vecina/>. Acesso em: 5 abr. 2021.

GREGOLIN, Maria. A análise do discurso: conceitos e aplicações. Alfa, São Paulo, 39: 13-21, 1995.

GUERRA, Jefferson. O discurso do negacionismo científico da realidade brasileira: uma leitura psicanalítica acerca da relação entre sujeito e ciência na contemporaneidade. Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde do Centro Universitário de Brasília – CEUB, 2021

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Petrópolis: Vozes, 2012/2017.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. 12. Ed. Tradução: Janaína Marcoantonio. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.

JACOB, François. **O jogo dos possíveis** Lisboa: Gradiva, 1989.

JAPIASSÚ, Hilton. **A revolução científica moderna**. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

JORGE, Marco Antonio Coutinho; TRAVASSOS, Natália Pereira. **Histeria e sexualidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

KUPFER, Maria Cristina Machado. A contribuição da psicanálise aos estudos sobre família e educação. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 3, n. 1-2, p. 77-82, 1992.

LACAN, Jacques. A ciência e a verdade. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. São Paulo: Jorge Zahar, 1966/1998, p. 869-892.

\_\_\_\_\_. Televisão. In: LACAN, Jacques. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973/2003.

LAGOAS, Juliano Moreira. **O problema da percepção na psicanálise: de Freud a Lacan**. 2016. 193f. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Brasília.

LIONÇO, Tatiana. Psicologia, Democracia e Laicidade em Tempos de Fundamentalismo Religioso no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 37, n. spe, p. 208-223, 2017.

LUZ, Madel Therezinha. **Natural, social, racional: razão médica e racionalidade moderna**. 4. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz: Edições Livres, 2019.

LUZ, Solimar. Mapa da FGV aponta que pobreza aumentou na pandemia de covid-19. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 30 jun. 2022. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/economia/audio/2022-06/mapa-da-fgv-aponta-que-pobreza-aumentou-na-pandemia-de-covid-19>>. Acesso em: 6 jul. 2022.

MAAKAROUN, Bertha. O negacionismo como arma de destruição durante a pandemia. **Estado de Minas**, 24 jul. 2020. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/07/24/interna\\_pensar,1169615/o-negacionismo-como-arma-de-destruicao-durante-a-pandemia.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/07/24/interna_pensar,1169615/o-negacionismo-como-arma-de-destruicao-durante-a-pandemia.shtml)>. Acesso em: 4 abr. 2021.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2003/2020.

MARETTI, Eduardo. Bolsonaro tem mente paranoide e agrega em torno de si o pior do Brasil, diz psicanalista. **REDE BRASIL ATUAL**, 10 de jun de 2022. Disponível em <<https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/2022/06/bolsonaro-tem-mente-paranoide-e-agrega-em-torno-de-si-o-pior-do-brasil-diz-psicanalista/>>. Acesso em 24.jul.2022

MÉDIA móvel de mortes por Covid passa de 3.000 e Brasil registra 3.673 óbitos em 24h. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1 abr. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/04/media-movel-de-mortes-passa-de-3000-e-brasil-registra-3673-obitos-em-24-h.shtml>>. Acesso em: 4 abr. 2021.

MENDES, Everaldo; PIMENTA, Amanda Marques; COSTA, Alex Junio Duarte. PSICANÁLISE E POLÍTICA: ANÁLISE DO DESAMPARO E O NEGACIONISMO NO CENÁRIO DO CORONAVÍRUS (COVID-19). **Psicologia: a ciência do bem-estar**, 2021.

MENDONÇA defende abertura de igrejas e templos e diz que cristãos “estão dispostos a morrer pela liberdade”. **Carta Capital**, 7 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/mendonca-defende-abertura-de-igrejas-e-templos-e-diz-que-cristaos-estao-dispostos-a-morrer-pela-liberdade/>>. Acesso em: 11 abr. 2021.

MINISTRO Araújo evoca teoria de conspiração sobre covid. **DW**, 5 dez. 2020. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/ministro-ara%C3%BAjo-evoca-teoria-de-conspira%C3%A7%C3%A3o-sobre-covid/a-55832656>>. Acesso em: 6 jul. 2022.

MORAES, Eduardo. Um memorial para os inumeráveis: se números frios não tocam a gente, que histórias de vida possam tocar. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/inumeraveis/>. Acesso em: 26 jul. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

NARDI, Henrique; SILVA, Rosane. Ética e subjetivação: as técnicas de si e os jogos de verdade contemporâneos. In: N. Guareschi & S. Hüning (Orgs.) Foucault e a Psicologia (pp. 94-104). Porto Alegre: Abrapso Sul, 2005.

NYHAN, Brendan; REIFLER, Jason. When corrections fail: The persistence of political misperceptions. **Political Behavior**, v. 32, n. 2, p. 303-330, 2010.

NOVAES, Mariana. Governo Bolsonaro impõe apagão de dados sobre a covid-19 no Brasil em meio à disparada das mortes. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-06/governo-bolsonaro-impoe-apagao-de-dados-sobre-a-covid-19-no-brasil-em-meio-a-disparada-das-mortes.html>. Acessado em 27.jul.2022

OLIVEIRA, Thiago A. Uma reflexão sobre o atual fundamentalismo religioso a partir de Freud. **Psicologia Política**, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 543–555, 2019

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001. 100 p.

PANASIEWICZ, Roberlei. Fundamentalismo Religioso: história e presença no cristianismo. In: ALBUQUERQUE, Eduardo Basto (Org). Anais do X Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões – “Migrações e Imigrações das Religiões”. Assis: ABHR, 2008. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/ENSINORELIGIOSO/artigos/8fundamentalismo.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINORELIGIOSO/artigos/8fundamentalismo.pdf)>. Acesso em: abr. 2021.

PORTILHO, Ananda. Com falas homofóbicas e transfóbicas, Bolsonaro discursa a evangélicos no Maranhão. 2022. Disponível em: <<https://br.noticias.yahoo.com/jair-bolsonaro-falas->

[transfobicas-maria-joao-envagelicos-maranhao-111316529.html](#)> Acesso em: 2 agosto. 2022.

PRÄSIDENT Jair Bolsonaro im exklusiven Interview mit Markus Haintz und Vicky Richter. 20 set. 2021. 1 vídeo (62 min 8 s). Publicado pelo canal We The People - Wir sind der Souverän. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TwkkKBiwY0o>> Acesso em: 24 jul. 2022.

QUINET, Antonio. **A estranheza da psicanálise**: A Escola de Lacan e seus analistas. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. Paranoia de massa da era digital - Os softidiots e a bigbrotherização. **Trivium**, Rio de Janeiro, v. 12, n. spe, p. 12-22, set. 2020

RELEMBRE ataques de Bolsonaro contra vacinas e veja como ele agora tenta esconder essas investidas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 mar. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-ataques-de-bolsonaro-contra-vacinas-e-veja-como-ele-agora-tenta-esconder-essas-investidas.shtml>>. Acessado em: 5 abr. 2021.

RIBEIRO, Lucas Moreira. O papel da religião no paradigma pré-moderno e suas consequências para o direito: A passagem da Pré-modernidade para a Modernidade e as visões acerca da religião nas teorias sociológicas de Durkheim, Marx e Weber. **Revista Jus Navigandi** ISSN 1518-4862, Teresina, ano 25, n. 6098, 12 mar. 2020. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/79733>. Acesso em: 18 abr. 2021.

ROCHA, Zeferino. A perversão dos ideais no fundamentalismo religioso. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 17, n. 3, supl. 1, p. 761-774, Sept. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142014000600761&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142014000600761&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 30 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. Desamparo e metapsicologia. **Síntese: Revista de Filosofia**, v. 26, n. 86, 1999.

ROSA, Miriam Debieux. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Subjetividades**, v. 4, n. 2, p. 329-348, 2004.

ROSA, Miriam Debieux & DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n.1, p. 180-188, 2010.

ROSÁRIO, Luana. A Necropolítica Genocida de Bolsonaro em tempos de Pandemia e o Projeto Ultra-Neoliberal. **Periódicos Eletrônicos UFBA**, v. 6, n. 2, jul./dez, 2020

TIBURI, Márcia. Pós-verdade, pós-ética: uma reflexão sobre delírios, atos digitais e inveja. In: FARAON, Gustavo, DANTAS, Julia, ROESP, Rodrigo, LEÃO. **Ética e Pós-Verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2019, p. 87-113.

TODAS as declarações de Bolsonaro, checadas. 8 abr. 2020. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declarações-de-bolsonaro/1620/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

TODAS as declarações de Bolsonaro, checadas. 4 fev. 2021. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declarações-de-bolsonaro/4942/>. Acesso em: 14 jul. 2022.

TODAS as declarações de Bolsonaro, checadas. 7 jan. 2021. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declarações-de-bolsonaro/4534/>. Acesso em: 8 jul. 2022.

SAFATLE, Vladimir. **É racional parar de dialogar**. Folha de S. Paulo. Ilustrada, São Paulo, 2017. , p. 10 mar. 2017. 8. Acesso em: 20 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. São Paulo: Autêntica, 2016.

\_\_\_\_\_. ; DA SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Autêntica Editora, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Boitempo Editorial, 2020.

SANTOS, Hebert Luan Pereira Campos dos, et al. Necropolítica e reflexões acerca da população negra no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: uma revisão bibliográfica. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, supl. 2, p. 4211-4224, out. 2020.

SOARES, Ingrid. "Bolsonaro: "Deus nos deu até a hidroxiclороquina". 2020. Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/10/4879246-bolsonaro-deus-nos-deu-ate-a-hidroxiclороquina.html>. Acessado em 20.jun.2022

SOLER, Colette. O corpo no Ensino de Jacques Lacan. Belo Horizonte: Papéis do Simpósio, 1989.

SOUZA, Catiane; CHÉQUER, Priscila. Fundamentalismo religioso e político na pandemia: "é isso mesmo", "e daí?". **Caderno Teológico**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 123-13, dez. 2020.

SOUZA, Luiz Alberto de; HENDERSON, Guilherme Freitas. Testemunhos durante a pandemia: reflexões psicanalíticas sobre trauma, Estado, economia e morte. **Saúde e Sociedade**, v. 30, 2021.

SUS, Sistema Único de Saúde. **Painel Covid-19**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acessado em 27.jul.2022

ZANELLO, Valeska. **Dispositivo materno e processos de subjetivação**: desafios para a psicologia. Brasília, Conselho Federal de Psicologia, 2016.

WERNECK, Guilherme Loureiro. Mortes evitáveis por Covid-19 no Brasil. 2021. Disponível em: <[https://idec.org.br/sites/default/files/mortes\\_evitaveis\\_por\\_covid-19\\_no\\_brasil\\_para\\_internet\\_1.pdf](https://idec.org.br/sites/default/files/mortes_evitaveis_por_covid-19_no_brasil_para_internet_1.pdf)> Acessado em: 15. jul, 2022.

## ANEXOS

## ANEXO A - Manchete utilizada no formulário digital

# **Médicos que defendem o tratamento precoce são censurados e processados**

Por David Ágape, especial para a Gazeta do Povo 15/10/2021 19:17

## ANEXO B - Charge utilizada no formulário digital e nas entrevistas individuais





## ANEXO C – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
BRASÍLIA - UNICEUB



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Negacionismo científico, fundamentalismo religioso e pós-verdade: uma análise acerca dos processos de subjetivação e de sofrimento psíquico no contexto da necropolítica brasileira

**Pesquisador:** JULIANO MOREIRA LAGOAS

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 51944321.5.0000.0023

**Instituição Proponente:** Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.128.376

#### Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa e/ou do Projeto Detalhado.

- Tipo de estudo: este é um estudo descritivo e de abordagem qualitativa.
- Descrição e critérios de escolha dos participantes: "qualquer pessoa em território nacional que reconheça ter sido afetada de algum modo pela divulgação de notícias durante a pandemia poderá responder ao formulário divulgado nas redes sociais".
- Tipo de instituição onde será realizado o estudo: Não há uma instituição específica para realização deste estudo.

#### Objetivo da Pesquisa:

Conforme o projeto, este estudo possui como objetivo "investigar as relações entre negacionismo científico e fundamentalismo religioso na gestão da pandemia da Covid-19 no Brasil, buscando compreender o papel dos regimes de verdade e das massas digitais nos processos de subjetivação e de sofrimento psíquico vivenciados pela população". Foram propostos como objetivos específicos: a) verificar os impactos do fenômeno da "pós-verdade" nas subjetividades

**Endereço:** SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar  
**Bairro:** Setor Universitário **CEP:** 70.790-075  
**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA  
**Telefone:** (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

Continuação do Parecer: 5.128.376

contemporâneas; b) identificar algumas das consequências psicossociais da necropolítica brasileira. Os objetivos estão adequados à proposta da pesquisa, sendo possíveis de serem alcançados.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Os pesquisadores ressaltam que este estudo possui "riscos mínimos, inerentes aos da participação em um grupo focal". Como medida preventiva, os pesquisadores propõem o esclarecimento de que não há respostas incorretas, tão pouco corretas. Além disso, ressaltam a possibilidade do interrompimento da coleta de dados a qualquer momento da pesquisa.

Como benefícios, afirma-se que a pesquisa "contribuirá com a construção de uma compreensão mais aprofundada acerca do tema investigado".

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O projeto apresenta relevância acadêmica e social da pesquisa.

O currículo do pesquisador responsável que está disponível na plataforma Lattes.

Consta, no cronograma de pesquisa, início da coleta de dados para 01 de dezembro de 2021, prazo adequado para emissão do parecer pelo comitê de ética.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Termos considerados:

- Folha de Rosto (FR): o documento foi apresentado e nele constam as informações da pesquisa, do pesquisador responsável e da instituição proponente. O documento está assinado pelo pesquisador responsável e pela assessora de pós-graduação e pesquisa.

- Termo de Aceite Institucional: não é necessário para este estudo.

- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): No documento constam os seguintes tópicos: a) natureza e objetivos do estudo, b) procedimentos da pesquisa, c) riscos e benefícios, d) participação, recusa e direito de se retirar do estudo e e) confidencialidade. Os contatos dos pesquisadores (e-mail institucional e telefone fixo) são apresentados no TCLE. Assinam o termo o participante, o pesquisador responsável e o pesquisador assistente. Constam, também, os contatos do CEP-UniCEUB. Há, também, a apresentação do TCLE para a pesquisa online.

**Recomendações:**

Recomenda-se que o pesquisador observe o disposto no art. 28 da Resolução nº 510/16, quando à sua responsabilidade, que é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar  
 Bairro: Setor Universitário CEP: 70.790-075  
 UF: DF Município: BRASÍLIA  
 Telefone: (61)3966-1511 E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
BRASÍLIA - UNICEUB**



Continuação do Parecer: 5.128.376

I - apresentar o protocolo devidamente instruído ao sistema CEP/Conep, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, conforme definido em resolução específica de tipificação e gradação de risco;

II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;

III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela Conep a qualquer momento;

IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; e

V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção.

Observação: Ao final da pesquisa, enviar Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

A pesquisa está adequada para o início da coleta de dados.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Protocolo previamente avaliado, com parecer n. 5.098.655/21, tendo sido homologado na 20ª Reunião Ordinária do CEP-UniCEUB do ano em 19 de novembro de 2021.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1814095.pdf	30/10/2021 15:23:31		Aceito
Outros	cartacepp.pdf	30/10/2021 15:11:49	DANIELLA SOARES MARREIROS MARTINS	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRostopic.pdf	15/09/2021 10:43:19	DANIELLA SOARES MARREIROS MARTINS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PIBIC.pdf	13/09/2021 18:51:21	DANIELLA SOARES MARREIROS MARTINS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLEpic.pdf	10/09/2021 19:50:47	DANIELLA SOARES MARREIROS MARTINS	Aceito

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar  
 Bairro: Setor Universitário CEP: 70.790-075  
 UF: DF Município: BRASÍLIA  
 Telefone: (61)3966-1511 E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 5.128.376

Ausência	TCLepic.pdf	10/09/2021 19:50:47	DANIELLA SOARES MARREIROS MARTINS	Aceito
Brochura Pesquisa	brochurapic.pdf	01/09/2021 13:37:38	BRUNA KREUTZ AMES	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BRASILIA, 25 de Novembro de 2021

---

**Assinado por:**  
**Marília de Queiroz Dias Jacome**  
**(Coordenador(a))**

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar  
 Bairro: Setor Universitário CEP: 70.790-075  
 UF: DF Município: BRASILIA  
 Telefone: (61)3966-1511 E-mail: cep.uniceub@uniceub.br